



Universidade Federal
de Campina Grande



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

FRANCISCO IARLYSON SANTANA DE ANDRADE

**EM DIVERSAS NARRATIVAS: QUEM FOI LUÍS CARLOS PRESTES? (DOS
LEVANTES TENENTISTAS AO CÁRCERE EM 1936)**

CAJAZEIRAS – PB

2018

FRANCISCO IARLYSON SANTANA DE ANDRADE

**EM DIVERSAS NARRATIVAS: QUEM FOI LUÍS CARLOS PRESTES? (DOS
LEVANTES TENENTISTAS AO CÁRCERE EM 1936)**

Trabalho desenvolvido durante a disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), do curso de Licenciatura plena em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, no Centro de Formação de Professores da Universidade Federal De Campina Grande, como requisito para obtenção de nota na disciplina.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos

CAJAZEIRAS – PB

2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

A553e Andrade, Francisco Iarlyson Santana de.
Em diversas narrativas: quem foi Luís Carlos Prestes? (dos levantes tenentistas ao cárcere em 1936) / Francisco Iarlyson Santana de Andrade. - Cajazeiras, 2018.
70f.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Ceballos.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2018.

1. Biografia. 2. Prestes, Luís Carlos. 3. História política. 4. Levante tenentista. I. Ceballos, Rodrigo. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 929

FRANCISCO IARLYSON SANTANA DE ANDRADE

**EM DIVERSAS NARRATIVAS: QUEM FOI LUÍS CARLOS PRESTES? (DOS
LEVANTES TENENTISTAS AO CÁRCERE EM 1936)**

Aprovado em: ____ / ____ / ____

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Rodrigo Ceballos
(Orientador – UACS/CFP/UFCG)

Profa. Dra. Viviane Gomes de Ceballos
(Examinadora – UACS/CFP/UFCG)

Profa. Dra. Rosemere Olímpio de Santana
(Examinadora – UACS/CFP/UFCG)

Profa. Dra. Maria Lucinete Fortunato
(Suplente – UACS/CFP/UFCG)

CAJAZEIRAS – PB

2018

Dedico a todos que sonham e desejam um mundo mais justo e livre!

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao meu orientador Rodrigo Ceballos, por ter sido tão presente e compreensível na minha produção. Sem ele esse trabalho não poderia ter sido concluído. Por isso lhe digo obrigado por me orientar e me guiar, não somente na produção como também na rede de sociabilidades que me apresentou durante parte desses quatro anos na Universidade e em eventos universitários aqui na Paraíba. Particularmente cito os eventos ocorridos em Guarabira e João Pessoa, que foram fundamentais para o amadurecimento da ideia desta pesquisa e desta produção monográfica.

Meus agradecimentos se estendem também a todos os familiares que foram essenciais nesse período de graduação. Em especial minha irmã Patrícia, que sem ela nada disso seria possível. Obrigado por ter me levado de moto para pegar o ônibus por três anos, e por sempre me apoiar, me defender e me proteger de tudo.

Agradeço a minha mãe Isabel. Obrigado por me apoiar e me permitir fazer esse curso, obrigado por ainda acreditar em mim. Mesmo que às vezes a decepcione, você ainda é a pessoa que mais me inspira. Mesmo que tenha mudado nesses últimos anos, quero dedicar minhas vitórias a você. Sem você nada sou.

Ao meu pai, Antonio, a quem nunca escondi minha admiração e respeito. Por nunca me questionar em minhas escolhas, por sempre me apoiar e me defender no que eu precisar.

À minha sobrinha, Maria Isabel, que foi de certa forma uma válvula de escape ao meu estresse e infelicidades. Você é parte da minha felicidade, obrigado por tudo e me desculpe pelas falhas.

Também agradeço ao meu cunhado Fabiano. Obrigado por me levar quando pode à Universidade, e obrigado por também me apoiar.

Agradeço a Célio, a Pablu e a Bruno, como colegas e amigos. Não poderia deixar de citá-los juntos, como grupo, porque nossa panelinha só andava assim: aonde estava um, os outros estavam por perto; não tem como falar de um, sem citar o outro. Passamos juntos por muitas aventuras, compartilhamos cada momento, cada desafio, cada sofrimento e cada glória da forma que sempre fizemos, unidos.

Agradeço a amizade sincera que tive ao longo dos anos com Francisco Leite, e as dicas acadêmicas e compartilhamentos de sofrimentos.

Assim como ainda agradeço a Fernanda Eduardo por te me motivado a cursar História, e por te me influenciado a continuar no Curso.

À amiga e colega da minha futura profissão, Amélia Dinniz, a quem nunca neguei admiração e elogios à sua produção acadêmica. Agradeço por sempre me orientar quando foi necessário, e por me fazer feliz em ótimas conversas.

Agradeço também a todos os colegas de sala; em especial a Jucicleide (a Baiana), primeira pessoa que conheci na Universidade, e a quem sempre compartilhei sofrimentos, vivências, dúvidas e vitórias. Não poderia deixar de citar também as/os colegas Gírlucia, Suenia, Walter e Paulo Sergio, pessoas que se mantiveram amigas a mim durante todo o curso, sempre me tirando dúvidas, compartilhando aflições e estratégias para vencer os desafios. Inegavelmente presenciei a evolução deles, como também os seus destaques.

Agradeço a Valquiria Baltazar e Vanessa Giovanna, que foram presentes na elaboração desta pesquisa, sempre me animado, me pedindo conselhos e favores. O bem estar que sinto falando com vocês é impossível de se conseguir com outras pessoas. Obrigado por fazerem parte da minha vida e desta produção monográfica.

Não poderia esquecer de mencionar Amanda, conterrânea, colega de curso e de disciplinas como a de projeto de pesquisa. Agradeço por ter meu sofrimento e apreensões compartilhadas por você. Passamos por um mesmo lugar social, com desafios e limites. Obrigado por se fazer presente durante essa produção.

Escarlath, além de colega de sala uma amiga que vou levar para o resto da vida. Obrigado por me apoiar. Você presenciou o nascimento desta pesquisa e compartilhou comigo as frustrações acadêmicas ao longo destes quatros anos.

Agradeço aos amigos Rangel, Augusto, Messias, Frankiando, Raimundo e Airton Nunes por me apresentarem o mundo de outra ótica. Obrigado por me permitirem compartilhar de suas vivências.

Agradeço também a quem nunca renegou me ajudar, como Mariana Monteiro, Rodrigo Queiroz, Bruno Magalhães, Samuel, Marxuel, Tulio Fernandes, Rinaldo Tavares, Evilânya Tavares, Ewerton, João Durand, Angelo e Elidomar; alguns que foram e são colegas de Universidade e outros que são da vida. Obrigado por sempre fazerem o que fosse necessário por mim; obrigado pelos sacrifícios e favores.

Marcos Silva e Bento Parnaíba por me fazerem rir bastante e me apresentarem a Universidade nos primeiros períodos do Curso.

Agradeço aos colegas de luta, Gabriel Valentim, Matheus Pordeus, Jorge Willian, Gregório Camilo e Cristiano por acreditarem em mim e terem me tirado do caminho errado e triste da infelicidade.

Agradeço aos colegas de curso como Paloma, Danilo, Wanderson, Camila e Nicolas que sempre me provocaram maior animação em relação ao Curso. Via neles a motivação que não tinha, por isso agradeço o contato que tive com eles.

Agradeço também a Débora Machado, menina complicada, que me deixa com medo do futuro e desconcertado com a vida. Obrigado por fazer parte da minha vida, e por ser tão intensa comigo nessa reta final de Curso. Querendo ou não, você me influenciou na escrita desta monografia. Seu jeito desconfiado e fechado me ajudou a entender um pouco das narrativas que aqui analiso, porque assim como você, elas também têm algo a esconder. Afinal, você como futura jornalista, nunca revelará suas fontes e nem objetivos, não tão diferente dos autores que aqui estudo.

Agradeço aos atuais e antigos funcionários da cantina universitária, Mariana, Edilson, Erivania, Neto, Felipe, Wesley e Victor. Foi lá os meus melhores momentos de felicidade nessa Universidade. Obrigado pelo bom tratamento e por me manterem bem alimentado.

Agradeço também aos funcionários da Universidade, principalmente Francisca e Chicão. Pessoas que ao longo desses anos sempre brinquei e conversei bastante, e que foram fundamentais na minha rede de sociabilidade universitária.

Agradeço a Monica Brasil, minha professora de Letras do Ensino Médio, quem sempre acreditou em mim e me fez acreditar que a leitura é o único meio de mudar o Brasil e o mundo.

Agradeço também aos conflitos, decepções, frustrações e intrigas que tive durante essa jornada de quatro anos. Sem elas não poderia ter forjado minhas concepções sobre o mundo, e nem me preparado para ele.

Agradeço também ao motorista do ônibus, Reinaldo, que sempre me levou para a faculdade sem ser sua obrigação. Nunca reclamou, mesmo eu estando errado em algumas vezes. Obrigado por tudo grande profissional, de caráter, de ética e hombridade inegável

Agradeço também aos amigos do “fundo do ônibus”, em especial aos mais presentes, como Junior Freitas, que sempre me fez uma ótima companhia, com ótimas conversas e ótimas ideias, amigo de todas as horas; a também o amigo

Marlon, que sempre “tentou” me orientar na vida; e por último Edvan, a quem além de boas conversas, tive o prazer de partilhar sofrimentos e decepções da vida.

Agradeço ao povo da biologia, em especial Cezario, que sempre se mostrou parceiro em todas as aventuras sociais, e também a Tonny, Arthur, Francisco Matheus, Érly, Mateus e Lucas pessoas que sempre se mostraram divertidas e com quem tive altos papos sobre teorias da conspiração ou da vida.

Agradeço ao amigo Romário, que sempre me ajudou em dúvidas acadêmicas e que compartilhou comigo algumas aventuras e hobbies, principalmente na leitura, escrita e nos grupos sociais que frequentávamos.

Agradeço também a todos os professores do Curso, que se mostraram de grande importância para minha formação e elaboração desta monografia.

“Vária foi a impressão deste discurso. Quanto à forma, ao rapto eloquente, à parte literária e filosófica, a opinião foi só uma; disseram-me todos que era completo, e que de uma barretina ninguém ainda conseguira tirar tantas ideias.”

Machado de Assis

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar as representações e narrativas construídas em volta da figura do personagem Luís Carlos Prestes em sua atuação política dos princípios dos levantes tenentistas na década de 1920 ao cárcere depois da Insurreição Vermelha na década de 1930. A partir de autores e obras (biografias, romance e folhetos de cordel) que o retrataram textualmente, busco mostrar como sua imagem foi se tornando plural, principalmente pelas diversas vozes, representações e narrativas que se concentraram em volta dele. As vozes e obras que narram Luís Carlos Prestes e que são analisadas aqui são: as biografias de sua filha, Anita Leocádia Prestes, e a de Daniel Aarão Reis; já na literatura e cordel temos nomes como o de Jorge Amado, Antônio Queiroz de França e Medeiros Braga. Pretendo problematizar tanto a múltiplas faces que Luís Carlos Prestes apresenta nessas obras, como também as que fabricaram o mito de suas atuações heroicas.

Palavras-chave: Personagem. Biografia. Literatura. Narrativas. História Política.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - UMA NARRATIVA SOBRE LUÍS CARLOS PRESTES	16
CAPÍTULO 2 - LUÍS CARLOS PRESTES EM DUAS VIDAS BIOGRÁFICAS	30
2.1 Complexidade de uma biografia política	31
2.2 As Vozes que narram	37
2.3 Narrativas que dão vida à pluralidade	41
CAPÍTULO 3 - LUÍS CARLOS PRESTES: SUA FABRICAÇÃO NA LITERATURA E NO FOLHETO DE CORDEL	48
3.1 Limites e possibilidade da Literatura e o seu uso Político	49
3.2 O Folheto de Cordel como instrumento da conscientização política	55
3.3 Literatura e Cordel glorificando Luís Carlos Prestes	57
CONCLUSÃO	64
FONTES:	66
REFERÊNCIAS:	67

INTRODUÇÃO

A luz desta pesquisa se deu, inicialmente, por meu envolvimento no Núcleo de Documentação Histórica Deusdedit Leitão (NDHDL), também sob orientação do Professor Doutor Rodrigo Ceballos. Em sua biblioteca encontrei o livro *82 horas de subversão* do autor Joao Medeiros Filho que me fez, de certa forma, aproximar-me do personagem Luís Carlos Prestes. Esta figura histórica, por coincidência, me cativou nas aulas do Ensino Médio, tanto para me motivar a cursar História como também a ser da esquerda no campo político.

Para tratar sobre Luís Carlos Prestes devemos entender suas várias facetas textuais, que não são poucas. Notavelmente sua construção como personagem biográfico e literário partiu da necessidade de apresentá-lo ao mundo. Em boa parte das obras, os autores tentam visualizar em seus personagens um sentido de importância, e tentam, a partir disso, justificar esse lugar de “relevância” histórica. Essa intenção é a que pretendo problematizar em cima dos autores que aqui iremos analisar.

Considerando esses locais de escrita, devemos ver que em um determinado momento de sua vida a ambiguidade política esteve bem mais presente. Neste caso, me refiro ao momento em que Prestes participou dos levantes tenentistas, mais precisamente na chamada Coluna Prestes. Considero este o início de sua participação política até o seu cárcere em 1936, momento em que viveu o seu auge político.

Como tenho o objetivo de analisar suas várias representações e narrativas em atuação política, busco mostrar como as variantes de vozes contemporâneas ajudam a criar um Luís Carlos Prestes plural, afinal, cada voz ajuda a criar uma personagem diferente com o mesmo nome e inspirado na mesma pessoa.

Vejamos: para a historiadora Marly de Almeida Gomes Vianna (2011, p.95),

É preciso conhecer o tenente, cuja lenda se foi construindo e consolidando durante a marcha da coluna, para entender o Prestes comunista que, também como tenente – mas lutando agora ao lado de um movimento revolucionário mundial –, seria mais uma vez um dirigente militar nos levantes de novembro de 1935.

Com isso, se remontava a história de Luís Carlos Prestes como lenda justificada por sua luta, um herói construído por seus esforços e não pela

propaganda de seus apoiadores. Essa visão é criada e justificada por Vianna (2011), que tenta defender a necessidade do conhecimento da história do personagem Prestes, que também é o objeto e estudo desse trabalho.

Mas essa visão quase lendária não é hegemônica, nem mesmo as narrativas que o heroificam chega a esse ponto. Então, não é de se estranhar que muito menos seriam as que o tentam destruir ou classificar como homem comum. Admito que encontrei vários entrechoques comparando diferentes escritos sobre o personagem biográfico e literário Luís Carlos Prestes. Mas, em alguns momentos, é possível encontrar algumas aproximações nos discursos de dois ou mais autores, porém, não de todos.

Antes de tudo, não poderia deixar de citar a filha de Luís Carlos Prestes e historiadora Anita Leocádia Prestes. Veja como ela trata o seu pai em sua historiografia (PRESTES, 2008, p. 38-39):

Até maior de 1930, Luiz Carlos Prestes fora a maior liderança popular do Brasil. Após encerrar a marcha da coluna Prestes, em fevereiro de 1927, seu imenso prestígio o tornara o 'Cavaleiro da Esperança', proclamado pela imprensa do Rio de Janeiro, e admirado e endeusado pelas forças de oposição do regime oligárquico então em vigor no país.

Talvez um dos pontos mais altos de legitimação de herói, a autora consegue pontos ao citar eventos e fatos que ajudem a justificar sua escrita, mas é inevitável não reparar a escolha das palavras que insistem em engradecer o lugar de Prestes na história e principalmente na sociedade brasileira daquele período. Para Anita Leocádia Prestes (2008), seu pai foi um líder popular no Brasil.

Não podemos por nenhum momento deixar de questionar o lugar social ao qual Anita Leocádia Prestes está inserida, assim como deveremos fazer com os demais autores explorados nesta pesquisa. Cada um dos dois autores tem diferenciações em seu discurso sobre Prestes. Julgar qual é o certo, mais próximo de uma "verdade", não é objetivo desse trabalho, o que claramente é impossível e inviável pelos limites científicos que cercam a história.

A forma plural é clara: dois autores e dois Luís Carlos Prestes distintos um do outro; temos um Prestes que se esforça e um último que é líder do povo brasileiro.

Todos esses personagens estão presentes em um pequeno recorte de sua vida política, partindo da Coluna Prestes em 1925 e indo no máximo ao ano de

1936. Estas vozes que estão dando vida a Luís Carlos Prestes são contemporâneas e a influência atemporal na remontagem daquele período é grande. Porém, insisto em dizer que se tivéssemos tratando de outros períodos da vida do personagem desta pesquisa encontraríamos mais desencontros.

Esses dois Luís Carlos Prestes apresentados não são os únicos, existem diversos, e a cada dia que se passa talvez mais sejam criados. Outros tantos ainda serão apresentados aqui. E é importante afirmar que ambos estão em um embate pelo legado de Prestes. Claramente nunca existirá hegemonia e nem princípio da verdade em uma das tentativas de definir Prestes.

Isto foi apenas uma pequena introdução da historiografia sobre o personagem. Existem outros campos em que esse embate é mais intenso, como no da biografia. Nela é onde nitidamente se apresentam os maiores contrapontos. E na literatura existe maior convergência ao heroísmo do personagem.

Como forma de detalhar essa discussão, pretendo no Primeiro Capítulo intitulado **“Uma Narrativa sobre Luís Carlos Prestes”**, aprofunda uma apresentação historiográfica sobre o personagem, me remetendo não somente a ele, como também a todo o contexto que o engloba, desde a criação da Primeira República e suas crises que originaram o movimento tenentista, até sua prisão logo após a Insurreição Vermelha de 1935.

Já no Segundo Capítulo, **“Luís Carlos Prestes em duas vidas biográficas”**, apresento como Anita Leocádia Prestes (2015b) e Daniel Aarão Reis (2014) se digladiaram na tentativa de construir uma biografia sobre o protagonista Luís Carlos Prestes. E como esse embate ajuda mais a fabricar uma pluralidade ao personagem, do que formular certa uniformidade de discursos e narrativas. Mas para isso, antes, busco entender os limites que se voltam à produção biográfica e o desafios da sua produção.

Por último, no Terceiro Capítulo **“Luís Carlos Prestes: sua Fabricação na Literatura e no Folheto de Cordel”**, problematizo a construção de um suposto heroísmo de Luís Carlos Prestes através da obra de Jorge Amado (2011) e dos Folhetos de Cordel de Medeiros Braga (2015) e Antonio Queiroz de França (2016). Trata-se de narrativas que convergem na elaboração do mito Luís Carlos Prestes como herói, para analisa-las busco entendê-las a parti do contexto de suas produções e de como os autores ao elabora seu texto, tiveram um claro objetivo político em construí Luís Carlos Prestes em Herói.

CAPÍTULO 1 - UMA NARRATIVA SOBRE LUÍS CARLOS PRESTES

Entender a vida política de Luís Carlos Prestes partindo dos movimentos tenentistas da década de 1920 ao seu cárcere na segunda metade da década de 1930, só é possível se entendido também o contexto histórico que o engloba, principalmente nos princípios que enraizaram as suas “ações” ditas revolucionárias. Para isso é necessário ver e compreender como uma cadeia de acontecimentos contribuiu para sua promoção, e como Luís Carlos Prestes soube se aproveitar de todos esses eventos para ocupar o “suposto” lugar de destaque em sua liderança, algo visto quase de forma hegemônica dentro das narrativas historiográficas. Vamos ver neste capítulo como nasce o cenário ideal para ascensão de Luís Carlos Prestes em sua atuação política.

Com o fim turbulento da Monarquia e o surgimento emergente da Primeira República no Brasil, a participação da sociedade na política nacional continuou sendo muito restrita. Claramente esse não era objetivo da burguesia nacional, que sim desejava a ampliação do espaço de poder, mas não para todos. O processo de proclamação da República era a “[...] primeira grande mudança de regime político após a independência. Mais: tratava-se da implantação de um sistema de governo que se propunha, exatamente, trazer o povo para o proscênio da atividade política.” (CARVALHO, 1987, p.11).

Para deixar claro, a República foi uma criação militar, mas de um planejamento e apoio burguês nacional. A participação e os espaços pertenciam a essas duas classes sociais e nenhuma mais, apesar de muito divulgada a ideia de abertura política.

Ao projetá-la, esses dois setores souberam vender seu projeto, criaram logo o mito de uma república paternalista pertencente e cuidadora do povo, que daria maiores oportunidades aos seus membros e afiliados, afinal, “Embora proclamada sem a iniciativa popular, o novo regime despertaria entre os excluídos do sistema anterior certo entusiasmo quanto às novas possibilidades de participação.” (CARVALHO, 1987, p.12).

Entretanto, a burguesia nacional ao apoiar à fundação da República, tinha como objetivo principal conseguir conquistar mais poder; e conquistado isso, agora ela se via como responsável por seu gerenciamento, não obstante, ainda desejava a manutenção desse espaço de poder conquistado, por isso não desejava a

ampliação desse espaço para outras camadas da sociedade. Nascia nesse impasse a primeira divergência da Primeira República.

Projetar e construir um novo sistema político para o Brasil se baseia muito em assimilações. Muitas vieram da Europa, inspirada principalmente na Revolução Francesa e em seus preceitos Liberais; revolução essa que teve participação e apoio das massas civis. Se o projeto Brasileiro não teve participação de civis, pelo menos teve o apoio. Entretanto, “A rigidez do sistema republicano, sua resistência em permitir a ampliação da cidadania, mesmo dentro da lógica liberal, fez com o que o encanto inicial com a república rapidamente se esvaísse e desse origem à decepção e ao desânimo.” (CARVALHO, 1987, p.56). Mais adiante iremos ver como essa lógica liberal era fraca.

Claramente ao que se refere ao poder, a burguesia nacional se postulava como conservadora. A falta da abertura para outras classes fez com que as relações sociais que já eram violentas, piorassem. Apesar de tudo isso, como já citado, ainda teria as práticas de políticas de manutenção para a perpetuação dessa elite política e econômica no poder. Essas práticas seriam duas: a política dos governadores e a política café com leite.

A política dos governadores seria a mais contundente, principalmente por essa fazer parte do poder institucionalizado da Primeira República. Em princípio, o sistema Republicano Brasileiro priorizava o federalismo, que permitia junto aos estados e a união uma partilha do poder. E foi isso que deu autonomia aos governadores. De certa forma, o Brasil era quase uma grande república de outras pequenas repúblicas, já que os estados tinham uma grande autonomia frente à União, o Governo Brasileiro.

Isso, claro, estimulava o crescimento dos poderes locais e da manutenção de poder, fortalecendo a troca de influências. Os chefes políticos dos municípios recebiam autonomia suficiente para fazer todos os tipos de jogos, inclusive comprar votos, sabotar e fraudar eleições. Em troca, eles tinham que ajudar aos receptivos presidentes de Estados na sua manutenção no poder, e esses consequentemente tinham também o dever de ajudar na manutenção da República, que era basicamente prover a sustentação de quem lá estava a exercer o poder. Essa era a famosa política de clientelismo que tanto incomodava outros setores políticos, como exemplo, os opositores da política café com leite, setores militares e parcelas da sociedade civil.

Como São Paulo era grande produtora de café e Minas Gerais de leite, nascia assim à denominação “política do café com leite”. Esta política era como um acordo de monopólio dos estados de Minas Gerais e São Paulo no controle do poder da Primeira República. Existia, de certa forma, um revezamento desses dois estados no assento da cadeira de presidente do Brasil. E conseguiam manter esse poder porque além de estados ricos tinham também o apoio da maioria dos outros estados, mas nem de todos. Quem tinha o poder dos Estados e da presidência do Brasil ou era a burguesia nacional ou alguém apoiado por ela, mas esse apoio a determinados personagens nem sempre era hegemônico. Por isso, ao longo dessa primeira etapa de República se costurou conflitos políticos que a falta de abertura política não permitiram ser seladas pelas via diplomática, afinal, também não havia espaço para a oposição no campo político.

No Brasil, naquele momento, a atuação política seria exclusiva somente para elites econômicas da política local e membros de altas patentes do exército. Em escala, os beneficiários desse novo sistema seriam os membros da política dos governadores, políticos do café com leite, alto escalão de militares e derivados, que neste quesito, se prenderam mais ao Conservadorismo do que particularmente ao Liberalismo, pois, como destacado, eles pretendiam prender e preservar esse poder unicamente em suas mãos. Se fossem seguir a risca o conceito republicano, que se orienta claramente pelo liberalismo, permitiriam maior abertura e divisão dos poderes, e não aparelhamento e fechamento desses espaços. Isto, claro, como projeto de manutenção do poder em detrimento da abertura política. “A expectativa inicial, despertada pela República, de maior participação, foi sendo assim sistematicamente frustrada.” (CARVALHO, 1987, p.37).

Quando havia um desentendimento, não havia campo de oposição individual para o combate, já que o poder era amarrado e costurado para se manter preservado e de pouco espaço. A oposição só era possível quando oriunda de um setor de poder coletivo, seja ele municipal ou estadual, o que era difícil de conquistar em grande parte, mas não impossível. Claro que o problema de representatividade democrática não é o único. Ainda teremos como dificuldade para essa jovem República o acréscimo de problemas sociais que assopram todo o Brasil, e que principalmente afetam a crise de identidade dessa jovem República e a sua convergência política.

Como destacado, era também comum em nossa política os interesses. Notamos que portas ficariam abertas no processo de proclamação da República, como por exemplo, a tentativa de conciliação entre as classes baixas e altas, que nesse caso, se configuram entre a classe alta, a elite política e econômica, “sobre” a classe baixa, trabalhadores e seus derivados da classe média. Esse “sobre” era uma tentativa de colocar a pé de igualdade, pelo menos em participação política, as duas classes, o que não foi possível naquele processo. Também existiam as portas prontas para serem fechadas, como por exemplo, setores do exército, principalmente os mais idealistas e de baixa patente que não aceitavam entregar o poder para a burguesia nacional e partiram para o conflito em todos os momentos.

Como sabemos, todas as rupturas políticas do Brasil se moveram por conciliações e integrações entre diferentes setores políticos e seus interesses em comum, como por exemplo, a aliança entre militares e burgueses que contribuíram na queda da Monarquia. Mas nesses momentos finais da Primeira República, era notada uma maior divergência entre todos os setores. Só uma nova aliança seria capaz de acalmar novamente os ânimos e as obsessões.

Como dito, já na década de 1920 novas amarras políticas se desenhariam com maestria. Uma classe social órfã de representatividade veria no pouco lugar de força o espaço ideal para reivindicar moralização da República de seus vícios político-administrativos. Estou me referindo aos militares. “Os militares tinham provado o poder que desde o início da Regência lhes fugira das mãos. Daí em diante julgaram-se donos e salvadores da República, com o direito de intervir assim que lhes parecesse conveniente.” (CARVALHO, 1987, p.22).

Já eram comuns rebeliões militares durante a Primeira República. E o que causou maiores rebeliões foi à falta de constância entre o desejado e o praticado, o que possivelmente criou o idealismo do “quem só criou poderia consertar”. O setor militar como um todo se via como fundador e projetor desse novo sistema político, e não poderia permitir que o mesmo se autodestruísse, principalmente quando esse mesmo fugia do desejado; e assim se “viram obrigados” a intervir. Mas isso nunca criou uniformidade entre todos os setores militares, envolvendo no máximo pequenos grupos de baixa patentes.

A República fizera-se com imprescindível participação dos militares, chamados a encabeçar as reivindicações mais progressistas da

sociedade da época: contra o trabalho escravo e pelos avanços econômicos no sentido capitalista, que a dominação imperial-escravista entravava. (VIANNA, 2007, p.66-67).

Foi por essas questões quem em 1922 no Rio de Janeiro, oficiais de baixa patente do exército implodiram a “Revolta dos 18 do Forte de Copacabana”, primeira revolta do movimento tenentista. A revolta foi mal organizada e rapidamente derrotada e esmagada pela rolagem compressora e opressora da Primeira República (BARROS, 2005, p.2). Essa experiência foi apenas o primeiro evento de muitos outros movimentos rebeldes que viriam a se rebelar contra o poder vigente, mas ao que se refere ao movimento do tenentismo, posteriormente outros viriam a se postular novamente com oficiais de baixa patente.

“O tenentismo recebeu esta denominação uma vez que teve como principais figuras não a cúpula das forças armadas, mas oficiais de nível intermediário do Exército - os tenentes e os capitães.” (FEREEIRA, PINTO, 2008, p. 400).

Segundo Boris Fausto (1997, p.81), "Os 'tenentes' se identificam como responsáveis pela salvação nacional, guardiães da pureza das instituições republicanas, em nome do povo inerme.". Não podiam parar e não pararam. Segundo Corrêa (*apud* FAGUNDES, 2010, p. 132), já em 1924 em São Paulo eclodiu outra revolta tenentista, essa tendo como preceito a luta contra o desvio da República e em reestabelecer as ideias proclamadas em sua fundação, mais precisamente em 1889.

Paralelamente à Revolta de São Paulo, no Rio Grande do Sul também se constituía uma revolta. Segundo Souza (2010, p.88):

Em 28 de outubro de 1924 na região missioneira do Rio Grande do Sul se levantou, com objetivo de abrir outro foco de luta, em consideração aos revoltosos paulistas mais um levante. Este liderado por Prestes, até então não reconhecido como grande comandante.

Se a República foi construída e projetada pela participação e intervenção ativa das forças armadas, segundo a concepção de muitos jovens oficiais de baixa patente, ela também poderia ser concertada pela mesma investida. E dentre esses também estaria um jovem oficial tenente, conhecido como Luís Carlos Prestes, objetivo de estudo desse trabalho.

O lugar social de Luís Carlos Prestes esteve a todo o momento em volta dessas questões políticas e sociais, como por exemplo, a falta de participação

política, repressão, desmoralização do sistema republicano, desigualdade etc. As suas concepções políticas e morais se basearam claramente no histórico intervencionista do exército Brasileiro na política nacional, tanto que contribuíram para que sua atuação política estivesse presente no movimento político militar.

Segundo Vianna, ele sempre se fez presente nos levantes tenentistas, como por exemplo, no foco do primeiro levante de 1922. Ele esteve lá, não com tanto prestígio como alcançaria com o desenvolvimento da conspiração militar, mas com a presença suficiente para ser punido (VIANNA, 2011, p.92-93).

Mas de volta para o tenentismo, podemos ver que em essas rebeliões, primeiramente no Rio de Janeiro e depois em São Paulo e no Rio Grande do Sul (FAUSTO, 1997, p.81):

[...] se iniciaram, em regra com caráter de tentativa insurrecional independente dos setores civis, e embora esse quadro pouco a pouco se modifique, até se chegar ao acordo nacional com as oligarquias dissidentes na Revolução de 1930, o desencontro de caminhos permanece.

Ao que se refere à Revolta de São Paulo, segundo ainda Fausto (1997, p.81): “As tentativas de organizar setores civis para integrá-los em um movimento que deveria se estender a vários estados foram limitadas.” Ou seja, em nenhum momento houve participação ativa dos civis dentro do movimento armado. Colocava-se, assim, o movimento dentro de um limite de atuação social.

Apesar de tudo isso, o apoio popular era nítido, tanto que:

Apesar de não terem um programa de transformações sociais definidas, sendo suas propostas bastante vagas e moralistas, os tenentes foram os representantes das necessidades de mudanças e de democratização da vida política, expressando os anseios da maioria da população brasileira. (VIANNA, 2007, p.66).

Existe uma explicação para que as propostas dos militares tivessem tanta sintonia com os anseios populares. A principal foi o sistema de recrutamento mais popular, abraçando mais setores da sociedade. Como Fagundes (2010, p. 132) explica:

Foram muitas as mudanças originadas com o recrutamento por sorteio universal. Esse mecanismo serviu para abrir as portas da

corporação para parcelas mais amplas da sociedade. As campanhas cívicas foram fundamentais para modificar a opinião pública sobre as forças armadas, assim, a idéia de soldado-cidadão e do cidadão-soldado ganhou espaço no seio população.

Como visto, depois de 1922 e a “Revolta dos 18 do Forte de Copacabana”, várias rebeliões uniformes ou não viriam acontecer, todas com o objetivo único de derrubar o sistema político governamental da Primeira República Brasileira. Mas houve um movimento que, segundo Drummond (1986, p.7), seria “O fio unificador e também ponto máximo dessas rebeliões [...] uma grandiosa marcha militar de 25 mil quilômetros, através de catorze estados, chamada Coluna Prestes.”.

Para Drummond (1986, p.26), “A coluna Prestes foi filha das rebeliões militares de 1924 no Rio Grande do Sul e em São Paulo. Mas precisamente, nasceu do seu fracasso.”. Claramente a uniformidade alcançada com a coluna e sua marcha só seria capaz com a conciliação das forças rebeldes de São Paulo e do Rio Grande do Sul, que derrotadas se unificaram em uma só. Mas não houve novamente participação civil. “Já nesses instantes de gestação da Coluna Prestes, a importância do apoio ou da adesão popular ou civil não foi sequer cogitada como variável da situação política.” (DRUMMOND, 1986, p. 32).

A atuação política no Brasil só se locomove pela atuação dos interesses, e isso não seria diferente com a Coluna. O recuo tático mediante as derrotas serviu para criar e agrupar a Coluna Prestes.

Segundo Drummond (1986, p. 38), ainda “Ninguém nega o mérito do capitão Luís Carlos Prestes na concepção e execução da guerra de movimento que permitiu o êxito militar da Coluna que, com muita justiça leva seu sobrenome.”. Do ponto de vista analítico, possivelmente seu nome só foi adotado por ele defender a longa marcha pelo Brasil e se postar como defensor dessa estratégia política e militar, como mostra Souza (2010, p. 89):

Como parte integrante do Estado-Maior dos rebeldes, Prestes argumentou a necessidade de continuidade da luta. A maioria, no entanto defendeu a emigração para a Argentina. Felizmente Prestes ganhou o debate e conseguiu com quase um pé fora do país, motivar os rebeldes a marchar para o interior inóspito do território brasileiro, levando com sigilo toda a inconformidade e crença na derrubada de Artur Bernardes, o grande objetivo inicial da Coluna.

Para Vianna (2011, p. 95), “A Coluna Prestes foi, talvez, o maior feito militar da história do Brasil, e, provavelmente, a época em que Luiz Carlos Prestes realizou plenamente sua maior vocação: a de um estrategista militar.”. A guerra de movimento, similar a tática guerrilheira e de inspiração gaúcha que foi desenvolvida na coluna por Luís Carlos Prestes contribuiu bastante para seu êxito durante a coluna e toda a marcha (DRUMMOND, 1986, p. 38). O objetivo desta tática nunca foi ocupar espaço territorial, tomar posse de terras ou obter a destruição de pontos estratégicos, assim como é comum em tradicionais guerras de conquista, sabotagem e destruição. Na verdade, o que se desejava era passar uma mensagem de resistência e de força contra o governo e, com isso, buscavam se movimentar, fugir, enganar, passar o bloqueio dos inimigos e desmoralizar cada vez mais o governo, mostrando que o mesmo não era capaz de detê-los.

Os tenentes membros da Coluna Prestes pagariam um preço alto. E um desses preços seria que ao fim da coluna deveriam se auto exilar do Brasil, já que apesar de não serem derrotados, também não conseguiram o seu desejo de derrubar o governo.

O fim da coluna e o exílio aconteceram na Bolívia, em 1927, onde Luís Carlos Prestes e seus liderados entregaram as armas (VIANNA, 2011, p. 97). O legado da luta poderia ter trazido um suposto protagonismo para aqueles tenentes, entretanto a sua luta não trouxe as vitórias desejadas, pelo menos não naquele ano de 1927. As dificuldades e irresoluções fora do campo político encheram de incertezas os propósitos dos quais os tenentes deveriam seguir. O mesmo ocorreu com o eleito líder daquela Coluna, Luís Carlos Prestes, que assim como os seus liderados vivia um momento de inseguranças políticas, e possivelmente ele procurava um novo espaço de atuação.

O período em que Luís Carlos Prestes passou no exílio contribuiu diretamente para a modificação de suas ideias políticas. Como é destacado por Vianna (2011, p. 97), “Os quase cinco anos de exílio foram decisivos nas transformações do pensamento e das atitudes de Prestes.”. Como destacado antes, possivelmente agora no exílio buscava um novo espaço de atuação política, e possivelmente o meio das armas não o encantava mais.

Começou a construção de um Luís Carlos Prestes comunista. Deu-se principalmente pelas suas leituras de clássicos da orientação marxista e a sua aproximação com o Partido Comunista da Argentina (VIANNA, 2011, p. 102-104).

Não demorou, “[...] Prestes já estava inteiramente ganho para as teses PCB. Empolgado com a nova doutrina e sentindo-se cada vez mais afastado dos tenentes [...]” (VIANNA, 2011, p. 107-108), mas uma coisa era ele querer entrar no partido, outra era o partido o querer.

As concepções de Prestes foram de certa forma renegadas pelos dois lados: o do lado militarista do movimento tenentista, o qual ele já fizera parte, tendo como característica a não permissão da participação civil e vendo-se como vanguardista do povo brasileiro; e depois pelo setor marxista, o qual agora ele pretendia participar, sendo de forte presença civil e, neste caso, da classe trabalhadora.

Houve dificuldade na assimilação dos dois lados. Um determinado setor dos tenentes via como desvio ideológico, e os setores comunistas, não viam em Luís Carlos Prestes um bom nome para integrar o partido que se dizia lutar pela classe operária e não por uma pequena burguesia, classe a qual creditavam ser o lugar de Luís Carlos Prestes.

Como diz Rémond (2003, p. 442), “Com exceção de um núcleo restrito que lhe é inseparável, o político é como esses Estados dos quais a geografia não delineou previamente os contornos e a história não parou de modificar os limites: o político não tem fronteiras naturais.”. Na busca da construção de um novo espaço para a participação política, Luís Carlos Prestes estava disposto a enfrentar a sua ambiguidade ideológica, ou melhor, em se redefinir politicamente, e não contava talvez com a dificuldade das rupturas políticas em transitar de um campo para outro, vendo principalmente suas diferenças.

O sentido político daquele momento, e que não diferente de toda a contemporaneidade, se classifica mais pelo campo da diferença do que da semelhança, e por isso não era difícil para os outros tenentes ver Luís Carlos Prestes como um estranho. Não se queria ver no novo idealismo de Luís Carlos Prestes os pontos comuns em comparação à luta dos tenentistas, apenas e somente se via o estranhamento. Se apagava naquele instante o passado do antigo líder tenentista. Já no outro lado, os Comunistas Brasileiros não desejavam esquecer o passado do novo postulante membro do Partido Comunista Brasileiro e nem acreditavam em sua nova roupagem ideológica.

De certa forma, essa transição política do líder da Coluna Prestes ajudou a marcar um espaço de diferença entre ele e os ex-colegas tenentes.

Ser Tenente e ser Comunista ao mesmo tempo é quase impossível, principalmente quando nos baseamos nas distinções dos dois lugares de atuação política: uma estritamente militar e a outra social. Por isso, Luís Carlos Prestes teve que fazer escolhas.

Quando a Coluna internou-se na Bolívia, ele era reconhecida e exaltadamente, o líder dos tenentes revolucionários; ao deixar Montevidéu, em outubro de 1931, havia rompido com os antigos companheiros, fizera várias e fracassadas tentativas de aproximação com o PCB, ganhara a simpatias dos homens do IC em Buenos Aires e partia para conhecer de perto a pátria do socialismo, do qual já se sentia adepto. (VIANNA, 2011, p.97).

Quando começou a existir maiores divergências entre a política dos governadores – política essa que garantia a conformidade da política nacional e a sustentação do Governo Central – se deu o princípio de um grande conflito na esfera nacional. Nesse momento iniciou-se a costurar de um movimento chamado de “Aliança Liberal”, tendo com líder Getúlio Vargas. Esse grupo era formado por setores militares (tenentistas) e alguns estados dissidentes que agora faziam oposição ao governo. Estes estados eram a Paraíba, Minas Gerais e o Rio Grande do Sul, com o objetivo claro de vencer Júlio Prestes, o candidato apoiado por Washington Luís à sua sucessão na vaga de presidente do Brasil (FERREIRA, PINTO, 2008, p. 403-404).

No contexto de 1930, “No Brasil, os tenentes, cada vez mais envolvidos com a Aliança Liberal, aumentavam as pressões para que Prestes aderisse a Vargas, insistindo para que, pelo menos, conversasse com o candidato.” (VIANNA, 2011, p. 105). Porém, o rompimento com os tenentes veio por não concordar com as ideias políticas de Vargas, e por isso não o apoiou nem na sua eleição e nem em seu projeto de revolução. Muito menos, Prestes continuou a liderar os Tenentes (VIANNA, 2011, p. 107-108).

Outro ponto é que os tenentistas que fizeram ruptura política com o alinhamento de Luís Carlos Prestes conseguiram finalmente concluir o projeto de poder do movimento. Se antes não tiveram êxito, agora com o apoio civil político de Getúlio Vargas conseguiriam derrubar a Primeira República e o seu chefe Washington Luís, que elegeria seu sucessor, Júlio Prestes, mas que não conseguiu

resistir até a posse dele, devido ao processo revolucionário de 1930 (FERREIRA, PINTO, 2008, p. 404 e 407).

Os levantes Tenentistas da década de 1920 tiveram como consequência a “Revolução de 1930”, que tinha exatamente como grande bandeira acabar com os vícios eleitorais e implantar um poder centralizador no país. Dessa forma, coube a administração Vargas, que efetivamente contou com a colaboração de antigos líderes Tenentistas, a tarefa de lançar os pilares do Estado Nacional. (FAGUNDES, 2010, p. 133).

Na busca de um alinhamento melhor com o Partido Comunista Brasileiro, Luís Carlos Prestes abandonou as velhas ideias tenentistas por não acreditar que o caminho certo era manter-se ao lado de Oligarquias.

Segundo Aragão (1973, p.30), ele era:

Vaidoso e ambicionado projetar-se perante a nação, acabou em 1930, aderindo publicamente ao Comunismo. Lançou, a seguir, um manifesto condenando a revolução chefiada por Getúlio Vargas e deixou pública a sua profissão de fé a essa ideologia política, que começara a grassar no Brasil.

Se antes era postulado como líder pelos Tenentes, a partir de 1930 boa parte desses Tenentes preferiram seguir outro caminho, um caminho do qual Luís Carlos Prestes condenava. Ele agora teria um novo obstáculo político: o governo de Getúlio Vargas.

O que viria acontecer em 1935 seria o próximo passo de Luís Carlos Prestes na política brasileira. É bom dizer que depois de passar pela Bolívia, Uruguai e Argentina, teve como último país antes da volta para sua terra natal a União Soviética. Foi de lá que ele ouviu falar da Aliança Nacional Libertadora (ANL), da qual receberia o convite para assumir a presidência de honra.

A Aliança Nacional Libertadora nasceu como uma frente política de luta em seus quadros e “[...] uniu partidos políticos, sindicatos, diversas organizações feministas culturais, estudantis, profissionais liberais e militares.” (VIANNA, 2007, p.81). Como frente política seus membros estavam “[...] mobilizados em torno de quatro objetivos principais: luta contra o avanço do integralismo no Brasil e do fascismo no cenário mundial, e luta contra a dominação imperialista e o latifúndio em nosso país.” (PRESTES, 2005, p.101).

Com o considerável crescimento das ideias autoritárias do fascismo pelo mundo, a *Comintern* (Internacional Comunista) se viu obrigada a adotar políticas antifascistas pelo mundo, em aliança até com partidos e organizações ditas burguesas já que se temia a perda de espaço para essa nova corrente política que era o fascismo (HERNANDEZ, 1985, p.45-46). No Brasil, a ANL foi a grande responsável por essa frente, tendo em seus quadros o Partido Comunista Brasileiro.

Outros pontos não podem e nem devem se esquecidos, apesar de ser considerada apenas uma frente que tivesse como propósito geral lutar contra o avanço Nazista/Fascista na sociedade brasileira. A ANL em determinado momento, principalmente depois de colocar Luís Carlos Prestes como presidente de honra buscava montar um manifesto com ideias reformistas para o Brasil (PRESTES, 2005, p. 104-105).

A formação da Aliança Nacional Libertadora (ANL) também tinha como objetivo se mostrar como contraponto ao governo de Getúlio Vargas, que em suas políticas de governo tinha desapontado parte dos tenentes. “A situação tornava-se a cada dia mais conturbada e, nesse ambiente, o governo de Getúlio começou a ser contestado até por antigos aliados.” (VIANNA, 2007, p.83). Mas toda essa unificação trouxe divergências e conflitos. “Embora as posições dos comunistas e dos tenentes coincidissem em pontos essenciais - a luta democrática, antiimperialista, antilatifundiária e antifascista - havia diferenças na compreensão e na forma das lutas.” (VIANNA, 2007, p.82).

Luís Carlos Prestes quando lançou o manifesto, deixou um grande problema: não se apontava por qual meio seria colocado em prática as ideias políticas da ANL. Por isso deixava brecha para interpretação e maior atuação política dos radicais.

Porém, não podemos deixar de destacar que foi somente o grupo de Tenentes e de Comunistas que tiveram maior destaque dentro da plataforma política da Aliança Nacional Libertadora. Afinal, foi deles a maior participação e engajamento político. Sendo assim, eles diretamente ou indiretamente foram os encarregados pela sua organização e direção (HERNANDEZ, 1985, p.25; VIANNA, 2003, p.33).

O papel de Luís Carlos Prestes é de fundamental importância para o destaque da ANL. Como figura pública que se tornará depois da Coluna Prestes, sua imagem conseguiu atrair muitos interessados para o campo progressista, além de que sua ruptura com o movimento tenentista não deixou que setores antigamente

ligados a ele não flutuassem também para o lado marxista da política ou somente para a ANL.

Como o propósito da ANL também era uma alternativa política para aquilo que era creditado como desastre das políticas pós-1930 comandadas por Getúlio Vargas, não demorou muito para que a Aliança fosse politicamente perseguida e caísse na ilegalidade. “Se os comunistas, antes do fechamento da ANL, já vinham adotando posições de crescente radicalismo, após o decreto de 11 de julho os apelos à luta armada e à insurreição se tornariam mais intensos e freqüentes.” (PRESTES, 2005, p.114).

Claramente que os desencontros em informações e a falsa crença de que o Brasil estava pronto para uma revolução fez com que os sonhos dos rebeldes fracassassem. “A insurreição estava sendo preparada para dezembro ou janeiro, mas acabou ocorrendo nos últimos dias de novembro, devido à precipitação dos acontecimentos no Nordeste do país.” (PRESTES, 2005, p.116).

Acreditava-se que a Revolução Brasileira partiria dos quartéis em todos os estados com apoio dos trabalhadores nas ruas, porém, não houve força: só o Rio de Janeiro, Recife e Natal entraram em ação, sendo esse último, capital do estado do Rio Grande do Norte, o de maior êxito, mas não o suficiente para resistir por muito tempo. Todos foram dissolvidos por desencontros; não existia nenhuma organização ou cadeia de comando para o começo dessa revolta.

A derrota eminente do movimento novamente colocaria Luís Carlos Prestes na ilegalidade e no campo radical. Postulou-se, assim, outros líderes da organização a também serem candidatos ao cárcere. Não demorou muito para que o principal líder, Luís Carlos Prestes, fosse colocado dentro de uma cela acusado por liderar uma conspiração que nem sequer comandou, diferentemente como fez na Coluna Prestes. Pagou pela fama que tinha e pelo perigo que representava a Getúlio Vargas.

Segundo Motta (2002, p.196):

É curioso que as semelhanças entre o levante de 1935 e os episódios de 1922, 1924 e 1930 foram convenientemente esquecidos. Se os militares que revoltaram os quartéis em novembro de 1935 traíram as Forças Armadas, os "tenentes" mereciam exatamente a mesma qualificação.

Mas como a história é construída por vencedores, o evento de 1935 se mostrou como fracasso político do estrategista militar Luís Carlos Prestes.

A sua partida para aprisionamento no cárcere encerraria o seu auge na história política do Brasil. Posteriormente ele até teria outras participações no cenário nacional, mas não com tanto envolvimento e o eleito protagonismo que carregou durante a Coluna Prestes e na Insurreição Vermelha de 1935.

Luís Carlos Prestes sempre foi uma figura eleita e construída como marcante, principalmente no que se refere a outros atores da historiografia nacional. Talvez seja por isso que ao se falar da história política brasileira da primeira metade do século XX tornar-se indiscutivelmente inviável não citar o personagem histórico Luís Carlos Prestes. Talvez nem tanto por sua relevância, e sim mais por seu envolvimento naquele cenário.

O que foi apresentado neste capítulo é apenas uma das muitas narrativas sobre esse personagem histórico. As divergências presentes nas narrativas sobre Prestes ajudaram a construir uma pluralidade sobre a sua atuação política. Neste caso, apesar de ser um “singular” personagem histórico em existência real, ele é “plural” em sua representação na escrita.

Não existem consensos e certezas para o fim desta contínua fabricação de novos e múltiplos Luís Carlos Prestes, seja na historiografia, na produção biográfica ou na literatura. Junto a isso, presenciamos uma luta entre autores por seu legado e pelo direito de poder narrar sua vida política, uma luta que está longe de ter uma voz incontestável e hegemônica.

A imagem de Prestes se tornou ainda mais ambígua ao se analisar as suas duas biografias políticas: uma construída pela sua filha, Anita Leocádia Prestes, e a outra pelo historiador Daniel Aarão Reis Filho. O que iremos ver na segunda parte desse trabalho é uma discussão dos limites que a biografia impõe aos seus autores na construção de um personagem que ainda está presente numa memória nacional.

CAPÍTULO 2 - LUÍS CARLOS PRESTES EM DUAS VIDAS BIOGRÁFICAS

Como apresentado no capítulo anterior, o personagem Luís Carlos Prestes tem uma complexa participação política no Brasil, principalmente ao que se refere as suas primeiras participações tocantes às décadas de 1920 e 1930. Esse espaço temporal é o alvo dessa pesquisa, afinal, considero-a como o maior momento do auge político deste personagem. Com isso, pretendo indagar como e por quem a imagem de Luís Carlos Prestes foi construída, levantado em conta sua atuação nesse recorte temporal em duas obras biográficas contemporâneas.

Compreender a sua construção biográfica se torna um grande desafio, principalmente quando se busca analisar as cargas subjetivas dessas obras. Afinal, Luís Carlos Prestes teve uma atuação social e política bastante complicada. As mutações presentes em suas opiniões, ideias, conflitos e rupturas, por si só, já se tornam difíceis como objeto de estudo. Ainda mais complexo é analisar além de sua própria atuação a construção da sua imagem perante obras biográficas. Neste momento estaremos ampliando o campo de pesquisa e das atuações políticas para o campo de representações sobre suas atuações.

Nesse momento busco compreender essa construção biográfica como narrativa da vida de um personagem, estando focalizada em uma atuação política de um determinado tempo. Por isso o meu objetivo aqui é estudar as divergências e conflitos entre duas obras biográficas que tentam apresentar a vida política de Luís Carlos Prestes.

São dois polos presentes nessa discussão. A primeira atua pela própria biografia e suas dificuldades, entendendo os seus limites e sua produção; e em segundo pelo próprio campo da narrativa, determinante para o embate entre duas versões sobre a vida de Luís Carlos Prestes em sua atuação política.

A compreensão de uma biografia política deve se entendida através de seus limites e objetivos, já que toda obra é objeto pensado e criado para atender preceitos, sejam eles políticos, morais ou simplesmente comerciais. As dificuldades na construção de uma biografia parte notavelmente das escolhas, como fontes, recortes e debates. Porém, mais do que isso é a apresentação de um personagem em uma constante mutação de sua particularidade e do seu meio (sociedade).

Não poderia me limitar em analisar somente as obras por si só, ou só apresentar de forma superficial um quadro de aproximações e distanciamentos nas

duas narrativas. Devo, antes de tudo, problematizar os autores e as suas ligações com o seu objeto de pesquisa, que nesse caso, é o próprio Luís Carlos Prestes.

Ser construído em duas obras distantes entre si tornou Luís Carlos Prestes o centro de uma disputa de visões sobre sua vida política. Muito mais do que isso, foi a construção de um conflito para saber quem tem a mais fidedigna biografia, e quem consegue alcançar a oficialidade do discurso e o seu poder de projetar um personagem histórico como extraordinário ou somente a de um homem comum.

As duas vozes que mais se destacam na narrativa da construção plural de Luís Carlos Prestes são a do historiador Daniel Aarão Reis (2014) e a de Anita Leocádia Prestes (2015b), filha do personagem em estudo. O primeiro publicou a obra *Luís Carlos Prestes. Um revolucionário entre dois mundos*, e a segunda optou por título de seu estudo: *Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro*. Essas são as duas obras biográficas que irão ser analisadas neste capítulo.

Ao certo, as duas obras ajudaram mais a ampliar a atuação de um único protagonista do que realmente esclarecê-lo. Em determinados momentos, como veremos adiante, os distanciamentos criaram um sentimento de pluralidade ao personagem aqui estudado.

2.1 Complexidade de uma biografia política

O foco que tenho nas duas biografias a serem analisadas não é a vida particular de Luís Carlos Prestes, até porque só uma das biografias parte também para esse campo. O que intento é analisar a sua biografia no campo das atuações políticas, percebendo como o procedimento foi narrado de maneira quase distinta nas duas obras apresentadas a seguir.

Mas para aprofundar a discussão aqui proposta, devemos primeiro entender ao quê a biografia está ligada. Segundo Schmidt (2003, p.58), “Em seu sentido lato, de escrito que tem por objeto a história de uma vida particular, a biografia está ligada ao próprio surgimento da história como forma de conhecimento do mundo.”. Ou seja, a produção da biografia tem uma interligação forte com o surgimento da história, por ter a mesma ideia de ajudar e tentar dar sentido e ordem a um fato, evento ou vida dentro de uma linha no tempo. Produz-se como sendo uma cadeia de acontecimentos que se ligam e tentam ter um significado ou razão num dado tempo histórico por meio dos feitos de um personagem.

Se a biografia for voltada em torno de um ator histórico, como é o caso de Luís Carlos Prestes, claramente a obra o apresentará de forma cronológica, justamente tentando dar sentido a sua vida, e o retratando em diversos eventos e momentos da sua vida particular e social. Se o papel da biografia se vincula à história e tem como propósito apresentar o personagem aos leitores, devemos notar se sua escrita se vincula a uma tentativa de panfletagem “positiva” que seria também a de mitificar, ou “negativa”, no sentido de demonizar o personagem retratado na obra. Omite-se muitas vezes a característica de tomar posicionamento, como uma clara forma de justificar a imparcialidade e uma suposta “verdade histórica”. Mas inegavelmente toda a produção textual parte de uma tomada de posição e escolhas. Porém, ainda há um outro campo, sendo esse mais vinculado ao autor do que propriamente ao personagem da obra, já que o autor se faz presente como personagem também por ser a voz que narra a cadeia de acontecimentos.

Afinal, como apresentando no parágrafo anterior, a biografia pode servir tanto para mitificar como para demonizar. Porém, esse campo relacionado aos autores se torna uma disputa forte, já que dar o poder a uma pessoa de narrar a vida do outro a partir de seus posicionamentos e visões já torna a biografia um lugar de maior atuação do autor da obra do que propriamente do personagem que é narrado.

Para Foucault (2014, p.25), “O autor, não entendido, é claro, como o indivíduo falante que pronunciou ou escreveu um texto, mas o autor como princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência.”. Reforçando o que já foi apresentado no início do tópico, o autor tenta em sua escrita “montar” uma lógica estrutural em sua narrativa. E quando esse texto é sobre a vida de um personagem, ele tenta dar coerência, ordem e significados para a sua atuação dentro de sua obra. O autor busca escrever a partir de uma lógica que justifica as suas posições tomadas no texto. Mas essa estrutura não é fidedigna à imagem de toda atuação do ator biográfico. Ela parte mais daquilo que faz sentido para o seu produtor, sendo ela produto dos significados e coerência de quem a elabora.

A difícil construção biográfica parte de desafios e limites, dentre a construção de uma lógica da “[...] ‘ilusão’ que as narrativas do gênero produziram: a ilusão de que a vida tem um sentido imanente, uma coerência e um fim.” (SCHMIDT, 2003, p. 69), sendo em muitas vezes um desafio, já que a vida de um personagem não parte

de uma explicação fácil, dada, natural, principalmente se for avaliar Luís Carlos Prestes e todo o seu dinamismo político.

Se para o próprio personagem ao falar de sua vida pode ter uma certa complexidade, imagine para um autor que tenta construí-la de forma clara, entendendo cada ponto de sua vida com alguma certa coerência ou sentido. Provavelmente seu produtor sofrerá com os limites apresentados pelas fontes e por suas escolhas subjetivas de narrativas, aliadas aos interesses de sua intervenção na obra, afinal, todo autor deseja ser ouvido, ou melhor, lido.

Percebe-se que as biografias que aqui serão analisadas se focam no campo político, tendo apenas uma com uma preocupação maior com o lado pessoal do personagem. Porém ambas, em suas produções, fizeram recortes e escolhas que claramente apagaram e restringiram momentos da vida do personagem histórico. Momentos esses que pelos autores de biografia não eram importantes e dignos de aparecer em suas obras, mas que para outros ou até mesmo para o próprio personagem, poderiam ser. Isso parte diretamente da escolha dos autores, por isso a sua intervenção deve ser sentida e notada na narrativa dos fatos da vida e atuação política do ator presente. Por isso devemos ver os autores também como personagens atuantes nas suas respectivas obras biográficas, existindo um envolvimento deles perante a sua escrita.

O personagem Luís Carlos Prestes em suas representações deve ser entendido por somente sua atuação na obra estudada, criada pelos próprios autores que o projetaram e narraram como desejaram em suas ideias e vontades, e no limite das suas fontes.

“A biografia é o lugar por excelência da pintura da condição humana em sua diversidade, se não isolar o homem ou não exaltá-lo às custas de seus dessemelhantes.” (LEVILLAIN, 2003, p.176). E é assim que quero analisar as biografias, entendendo que ela é uma “pintura” ou representação de um determinado autor sobre a condição humana de um dado personagem; ambos, tanto autor como personagem estão carregados de subjetividade, sendo os autores de maior atuação, afinal, são eles que narram as ações do personagem na biografia.

No entanto, a análise da tentativa de criar uma ordem lógica sobre o personagem, “[...] a biografia pode servir para introduzir o elemento conflitual na explicação histórica, para ilustrar, matizar, complexificar, relativizar ou mesmo negar as análises generalizantes que excluem as diferenças em nome das regularidades e

das continuidades.” (SCHMIDT, 2003, p.68). Trata-se de uma construção constante em tentar dar sentido a obra, principalmente quando o personagem já tem particularmente uma atuação controversa e precisa ser mais esclarecido para o público leitor. Nesse momento o autor tenta construir um sentido, uma coerência sobre o que escrever e narrar.

Um grande cuidado que se deve tomar quando se trabalha biografias é justamente perceber a relação da memória com o poder. Isso se deve ao fato de ser o poder um definidor da memória, ao mesmo tempo em que essa construção se dá de acordo com interesses registrados, por exemplo, em livros ou entrevistas; tornando-se discursos que passam a ser fonte do historiador. (NOGUEIRA; FERREIRA NETO, 2016, p.270).

Como citado, o autor tem o poder de narrar e escolher as fontes que justificam a sua narrativa, sendo elas usadas a partir de suas escolhas. Essa construção, em sua obra, ajuda a manter uma ideia de lugar de veracidade, por isso, pode se tornar um definidor memorial sobre o personagem, já que não tem como questionar o que está escrito por ser fundamentado em “fontes”. Porém, como o autor coloca, as escolhas das fontes parte de “interesses”. Biografia é um lugar de poder, porque dar um lugar significa criar ou manter certas memórias ao personagem, seja demonizando-o ou heroificando-o.

O que é mais complexo é quando uma das obras tem um autor com vinculação familiar com o personagem biográfico. Neste caso, o recorte e as escolhas partiram do desejo de construir uma obra que glorifica e martiriza o personagem, principalmente quando ele é familiar, afinal, esse tipo de vinculação é forte. A sua construção deve ser realmente cuidadosa, porque até mesmo uma crítica ou dificuldade apresentada no trajeto do personagem pode ser colocada como estratégia para um sobressalto ou uma virada de mesa do protagonista biográfico.

Então, uma biografia com o teor político tende a apresentar a sua atuação como também projetar a sua memória de atuação, já que a biografia também é uma construção intencionada, como já apresentando no decorrer do texto. Então a obra serve tanto para quem está sendo retratado, como para quem escreve; da memória para quem está sendo narrado, como também para quem narra. Afinal, o autor que dá sentido ao personagem é lido, e ele também ganha um lugar na memória do

leitor, assim como o personagem que a obra retrata. Trata-se de um espaço de existência e relevância que pode ser de mão dupla, mas que nem sempre os favorecidos são os dois lados. O narrador também pode construir ou destruir imagens de seus atores biográficos. No caso de Luís Carlos Prestes, os dois autores biográficos que aqui serão analisados são presentes e atuantes. Tanto o autor que tenta construir uma imagem heroica, como o autor que tenta modelar uma imagem mais banal e comum. As posições normativas ajudam a destruir o mito de heroísmo do personagem, já que é uma forma de contravenção a tentativa de eleger uma memória de herói para o ator histórico Luís Carlos Prestes. Muitas dessas imagens partem das representações que segundo Roger Chartier (1991, p.185, grifo nosso) é “A relação de representação [...] perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, **que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é.**” Ou seja, construída pelo lado subjetivo do autor, que enxerga como deseja as evidências, e constrói através desses a sua própria lógica.

Para Borges (2003, p.215), “A razão mais evidente para se ler uma biografia é saber sobre uma pessoa, mas também sobre a época, sobre a sociedade em que ela viveu.”. Assim como qualquer obra historiográfica, uma biografia também deve apresentar o contexto social e o meio que o personagem retratado se vincula. Então o autor não somente narra a atuação social do personagem, como também tudo o que circula em volta dele, dando sentido ao que se apresenta durante a sua atuação social política.

O historiador Levillain (2003, p.174-175) já mostrava que “[...] a biografia não escapa aos julgamentos que faz seu autor, os quais participam de uma construção resultante seja da hipótese, seja da afirmação, e serão ou confirmados ou fabricados, correndo o risco do erro como um apelo à verdade.”. Reforçando o que eu já tinha mostrado, a biografia parte do lado criativo do biógrafo, sendo ela produto do seu autor, que logo parte a construir sua lógica na obra.

Segundo Levi (2006, p.168), “A biografia constitui na verdade o canal privilegiado através do qual os questionamentos e as técnicas peculiares da literatura se transmitem à historiografia”, contribuindo assim para uma produção mais criativa dos autores biográficos, e também permitindo construir maior “lógica” e “sentido” entre os pontos da vida de um personagem, um diálogo da historiografia com a literatura que contribuem diretamente no desenvolvimento biográfico.

E os recortes também são claros e presentes nesse processo de construção biográfica, tanto que Borges fala que (2003, p.220, grifo do autor):

Ao narrar os acontecimentos de uma vida, seja em um verbete para uma enciclopédia, seja em uma biografia do tipo “mergulho na alma”, os fatos passam por uma seleção permanente, pois não há outra forma para narrar uma vida a não ser **selecionando o que nos parecer significativo.**

Até agora vimos que a biografia parte mais do autor do que particularmente do personagem, sendo a participação maior do seu elaborador do que particularmente do ator biografado. Quando ele aparece, aparece mais como a visão narrativa de quem escreve do que ele realmente foi.

Ou seja, não daria para em uma análise biográfica partir somente do que foi escrito sem analisar quem escreveu, afinal, a obra inteira é um produto subjetivo de quem recortou, selecionou e escreveu. O autor tem o “poder da fala” sobre quem ele escreve, e assim montar sua própria versão via sua lógica e coerência, não sendo assim obrigado a partilhar da ideia de outros autores.

Não se deve [...] interpretar uma vida buscando-se uma unidade, uma racionalidade, uma linearidade. Ao se procurar entender e explicar a vida de uma pessoa, deve-se ficar atento a todos os seus aspectos, e não a um só deles, pois em uma vida todos esses se entrelaçam. (BORGES, 2003, p.225).

Para o autor, a biografia deveria ser construída de maneira ampla, levando em conta várias variantes, quebrando a ideia de que a vida do personagem tem que ter um sentido. Em pontos concordo, mas existem limites na produção. Possivelmente a questão autoral também deveria ser um dos quesitos de avaliação de uma obra, principalmente quando essa tenta criar um sentido para vida a privada e política do ator biografado. Porém esse método não faz parte das duas obras que iremos avaliar.

Divergências entre biografias se prendem mais ao campo de quem consegue exercer maior influência na construção da vida de atuação de seus objetos de escrita. O critério maior não é saber quem tem mais fontes e relatos autênticos, mas sim quem consegue criar melhor uma coerência, uma lógica para aqueles que irão apreciar a biografia, como já citado.

A complexidade para a construção de uma biografia que se diz política cabe principalmente “aos limites” e “escolhas” que o historiador ou biógrafo tem em sua produção textual. Como veremos mais adiante, os dois autores que analisaremos irão apresentar uma grandiosa batalha pela busca da coerência ou hegemonia da narração.

2.2 As Vozes que narram

Como já citado, os dois autores digladiam até hoje o direito de conquistar uma hegemonia sobre a narrativa da vida de Luís Carlos Prestes. Aparamente uma batalha sem vencedores, mas que é carregada de acusações, críticas e entrecosques de palavras. Dentre as duas vozes, a mais combativa é a da historiadora Anita Leocádia Prestes (2015b), já que sobre essa pesa a maior crítica e maior encargo, afinal ela é filha do seu objeto de estudo, e tem a justifica de defender o legado do seu pai, ou o seu próprio como portadora da verdadeira narrativa.

O conflito não é uma questão pessoal e nem tanto política, mas sim uma luta pelo lugar de quem consegue se eleger portador da biografia mais autêntica, confiável e real. Trata-se de uma disputa pelo cargo de narrador oficial da vida do protagonista da biografia de Luís Carlos Prestes. Anita Leocádia Prestes (2015b) como se sente por direito proprietária desse lugar considera, assim, Daniel Aarão Reis (2014) um invasor ou um aventureiro dentro de um campo que não o pertence.

O historiador Daniel Aarão Reis (2014) foi o primeiro dentre os dois autores a elaborar e projetar uma biografia sobre Luís Carlos Prestes. Em entrevista revelou que a obra partiu de uma encomenda, mas que não tinha objetivo inicial de construir uma biografia. Porém depois de mais de cinco anos, os escritos longos o levaram a essa produção (LUCENA, 2014). O autor é conhecido por ter diversas obras lançadas no mercado com eixo no campo de “pautas de esquerda”, e a história de Luís Carlos Prestes seria sua primeira obra biográfica construída.

Ainda em entrevista, o autor Daniel Aarão Reis contou que ao fabricar a biografia tentou se colocar de forma imparcial e equilibrada, tentando construir uma biografia que nem demoniza e nem heroifica o protagonista. Segundo ele, não teve nenhum objetivo de fazer hagiografia ou sequer uma “demonização” (LUCENA, 2014). Ele lida com uma clara tentativa de construir o mito de imparcialidade, como

se ele não tivesse feito escolhas e recortes encaminhados por sua subjetividade. Escolhas voltadas principalmente em tentar entender o ator histórico de forma lógica e cronológica a partir das interferências do autor na narrativa da vida do personagem, e que nesse caso se referem diretamente a questões de sua atuação política.

Muitas das coisas escritas por Daniel Aarão Reis (2014) incomodaram bastante Anita Leocádia Prestes (2015b), principalmente a que se refere diretamente à figura do seu pai. Isso afrontava diretamente sua figura, afinal, se via como portadora hegemônica do poder da narrativa em volta do personagem Luís Carlos Prestes. Entretanto, isso não incomodou em nenhum momento Daniel Aarão Reis, e em sua obra e em entrevistas é notável que se sentisse livre e à vontade para construir uma biografia sobre o protagonista, apesar de que, ao falar que tentou construir uma biografia equilibrada, passou a imagem de que estava construindo uma biografia oficial e incriticável, uma clara tentativa de valorizar sua narrativa e tentar blindá-la de ataques.

A sua obra não deixou em nenhum momento de buscar desconstruir a mitificação em que o personagem era constantemente retratado de forma quase que hegemônica. Inquestionavelmente tentou mostrar a figura de um homem comum e banal, sem grande encantamento ou embelezamento. Porém, muito mais do que isso, era visível um trato diferenciado com as palavras, principalmente quando se comparada à posterior biografia escrita por Anita Leocádia Prestes.

Daniel Aarão Reis percebe que nas obras historiográficas de Anita Leocádia Prestes ela se coloca de uma forma muito defensiva em relação ao seu pai, como se fossem duvidosas ao sentindo claro de sua história, tendo como única justificativa defender e elogiar a história de Luís Carlos Prestes. E isto não fazia parte dos objetivos de Daniel Aarão Reis, por isso tentou supostamente criar uma biografia menos encantada do líder comunista Prestes (CAZES, 2014). Esta decisão claramente não agradou Anita Leocádia Prestes. Considerando os limites presentes na elaboração de uma biografia, Daniel Aarão Reis buscou ir até onde fosse possível para essa construção se diferenciar das de Anita Leocádia Prestes que até naquele momento não tinha ainda feito uma biografia sobre o seu pai.

Por isso, ao que se refere a fontes e referências, Daniel Aarão Reis partiu para um lado que Anita Leocádia Prestes não aceitava. O autor usou como fonte os relatos da viúva de Luís Carlos Prestes, a Maria Prestes; não é de hoje que existem

conflitos dentro da família Prestes, e incrivelmente, esses conflitos também permeiam o campo da narrativa do legado de Luís Carlos Prestes. No que se refere ao uso desses relatos para a biografia, Anita Leocádia Prestes afirmava que partia de Maria Prestes inverdades sobre o seu pai, e segundo ela, o autor Daniel Aarão Reis se utilizou dessas inverdades contadas por Maria Prestes para construir uma biografia falha do seu pai (VENCESLAU, 2015). Daniel Aarão Reis tentou, assim como fez com Maria Prestes, consultar Anita Leocádia Prestes, porém não teve o mesmo êxito, já que a mesma não aceitou colaborar com o autor. Entretanto, não deixou de consultar a produção historiográfica da própria historiadora (CAZES, 2014).

Mas essa questão não se encerraria por aí. Maria Prestes reforça uma crítica em cima de Anita Leocádia Prestes, criticando-a por se eleger como dona da história do seu pai. Já ela, quando foi construir posteriormente a biografia sobre seu pai, dá o lugar do esquecimento para a Maria Prestes e a sua família. Para ela, como sua obra seria uma biografia política, não deveria dar espaço para a família já que além de não envolver questões pessoais os parentes criavam inverdades sobre questões referentes a seu pai (VENCESLAU, 2015). E é nesse momento que vemos uma disputa clara pela narrativa, sendo esse conflito presente em outras esferas além do embate dos dois livros.

Daniel Aarão Reis não viu problema nenhum em usar Maria Prestes como fonte, mesmo que sua biografia fosse também colocada com um caráter político. E para Anita Leocádia Prestes já não era importante. Trata-se de um claro papel de escolhas que demonstram as restrições, limites e recortes da biografia. O encaixe desses relatos, que para a autora era inconveniente, fez enxergar na obra uma clara aliança contra a seu protagonismo como dona, fiel e história oficial da vida de Luís Carlos Prestes.

Isso claramente incomodava Anita, afinal, ela se via como única portadora da história do seu pai, em que quase todas suas publicações e obras retrataram sobre temas com proximidades da atuação do seu pai, ou diretamente ligadas a ele. Então ela, em nenhum momento, buscou abandonar o poder da fala em torno do seu objeto de pesquisa. Este objetivo ela nunca escondeu: defender o legado do seu pai de qualquer ataque possível.

Anita via a obra de Daniel Aarão Reis como uma clara linha ideológica anticomunista, depreciativa, com tentativa clara de destruir o legado do seu pai com

mentiras e com relatos e depoimentos de inimigos e mentirosos, como os depoimentos da viúva de Prestes, Maria Prestes. A autora não parou de atacar as escolhas de Daniel, sem contar as críticas aos supostos erros descritivos que o autor construiu ao longo de sua obra, e também sem esquecer-se da tentativa de uma análise psicológica que Daniel Aarão Reis tentou imprimir perante alguns personagens, inclusive no próprio Luís Carlos Prestes. Para Anita, tratava-se de uma questão que ele não teria capacidade nenhuma de fazer, já que não parte de sua especialidade técnica como historiador que é (PRESTES, 2015a).

No ano de 2015, um ano depois do lançamento da obra de Daniel Aarão Reis, a historiadora e filha Anita Leocádia Prestes partiria para o lançamento da segunda biografia do seu pai. Mas antes disso, como já notado, vinha criticando fortemente e apontando as brechas na produção de Daniel Aarão Reis, a qual considerava uma afronta ao legado político do seu pai, carregada de mentiras e fraudes. Isso é compreensível, já que os dois autores produziram as suas obras se baseando a partir das lacunas deixadas tanto por Anita em sua produção historiográfica, e posteriormente por Daniel em sua biografia.

A biografia escrita por Anita Leocádia Prestes nasce quase como tentativa de responder a biografia de Daniel Aarão Reis. Em nenhum momento ela deixou de dar sua versão dos fatos e, por isso, muitas vezes ao ler as duas biografias aparenta-se que Luís Carlos Prestes fosse mais de um homem, dando a margem de um protagonista de atuação plural e não singular como era a sua pessoa.

Mas não pararia por aí. Até no nome do personagem se encontravam divergências como notado nos títulos dos livros. Para Anita Leocádia Prestes, o primeiro nome do seu pai era Luiz, e para Daniel Aarão Reis, Luís. Segundo este historiador era uma questão de dados presentes em fontes, afinal na certidão de nascimento a grafia certa era Luís; já Anita Leocádia Prestes preferiu adotar a grafia que o pai usava: Luiz (BORTOLOTTI, 2015).

Claramente que aproximações existiram, porém, o trato com as palavras se distanciavam. A linguagem mais glorificada de Anita Leocádia Prestes não se aproximava tanto da linguagem menos encantadora de Daniel Aarão Reis, mas era sim possível encontrar aproximações que dão continuidade ao mito de herói para Luís Carlos Prestes. É este aspecto que veremos no próximo tópico.

Em suma, os dois autores construíram suas obras sabendo que haveria divergências, tanto Daniel Aarão Reis, que já sabia das posições de Anita Leocádia

Prestes pela historiografia, e tanto ela, ao ter conhecimento da obra do primeiro. Nesse embate nenhum dos dois sairiam intocáveis nessa luta biográfica, pela busca do lugar de hegemonia.

2.3 Narrativas que dão vida à pluralidade

No que se refere à escrita nos dois livros, podemos notar em quase todo momento o diferenciado tratamento que os dois dão para o personagem histórico e político Luís Carlos Prestes. Claro que se tratando das visões e narrativas dadas pelos autores a divergência seria inevitável, já que as duas obras são claras respostas as lacunas deixas de um para outro e o inverso também.

Lembrando as críticas de Daniel Aarão Reis a Anita Leocádia Prestes, e consequentemente dela para ele, sem esquecer do relato de Daniel Aarão Reis em tentar construir uma biografia supostamente imparcial, equilibrada e moderada, vejo a seguinte citação como mapa dessa linha editorial (REIS, 2014, p.53-54):

Entre os oficiais, Prestes tinha a maior patente – capitão. Além disso, era muito respeitado por todos os sublevados, como um homem decidido, corajoso e inteligente. Entretanto, decepcionava os chefes civis gaúchos, que os viam como um líder de baixa estatura, apenas 1,63 metro, magrinho e pouco hábil no manejo dos cavalos.

Anita Leocádia Prestes criticava Daniel Aarão Reis por ele se preocupar em construir detalhes da vida de Luís Carlos Prestes, relacionando-as com questões morais, ou melhor, fatores psicológicos. Certo que via nessa citação acima o mais claro exemplo de tentativa de uma suposta imparcialidade e moderação, afinal, depois de elogiar em palavras positivas como “decidido”, “corajoso” e “inteligente”, viria depois a contar que os fatores físicos do personagem não viriam a agradar ou justificar tanto a sua posição de líder, pelo menos não para os seus pares civis gaúchos. Uma clara desconstrução do herói, o colocando na história sem nenhuma vantagem ou perfeição, assim como qualquer homem. Para Daniel Aarão Reis, Luís Carlos Prestes também teria limites, limites esses que não partiriam de sua atuação, mas de causas naturais que não viriam a depender de si.

A citação acima de Daniel Aarão Reis tenta apresentar como Luís Carlos Prestes era visto por seus pares e liderados durante o movimento tenentista e

princípios da Coluna Prestes. Claro, tudo isso desenhado a partir da lógica e coerência de Daniel Aarão Reis.

O autor Daniel Aarão Reis também critica Anita Leocádia Prestes, principalmente por vê-la produzir em suas historiografias mais um texto de hagiografia e de defesa do legado do seu pai do que propriamente uma produção textual crítica e analítica. Talvez por isso Anita Leocádia Prestes tenha se sentido coagida ao falar do seu pai. Em sua obra não visualizei uma descrição clara de que a autora se coloca de forma marqueteira, mas os elogios e glorificações a eventos e organizações que ele participou são presença marcante. Em determinado momento, ao falar do início da coluna Prestes, Anita Leocádia Prestes (2015b, p.57) descreve assim a ação: “Apoiado nesse grupo de homens de grande audácia, coragem, desprendimento e de excepcional competência militar, Prestes deu início a organização do que viria a ser mais tarde, a coluna invicta.”.

Em uma análise biográfica, cada palavra e cada colocação devem ser exploradas, já que elas não entram no contexto do livro de forma natural ou desinteressada. Claramente, cada palavra ali posta tem uma intenção e um objetivo a ser cumprido, o poder de transforma o elogio intrínseco.

Ainda falando do período de tenentismo de Luís Carlos Prestes, tento agora mostrar como foi à relação, segundo esses autores, da coluna com a população civil por onde ela passou. Como meio para suprimir as necessidades do movimento, saques aconteceram. Esse foi um dos principais meios que fizeram a Coluna Prestes sobreviver por bastante tempo.

A relação do povo saqueado com os tenentes era segundo Anita Leocádia Prestes (2015b, p. 58) de simpatia, já que o povo que era saqueado recebia recibos para indenização posterior, que viria acontecer depois da consolidação da revolução. Então, sendo o saque uma prática realizada em nome da revolução, torna-se uma causa justa que não demorou em ser compreendida pela população.

Admito que a apresentação desse acontecimento se constituiu na narrativa de Anita de forma generalizante. Claramente não eram todos que entediavam ou apoiavam esses atos de saques, e nem se pode comprovar que todos os saques seguiam da emissão de recibos indenizatórios. Mais uma vez Anita cairia nas armadilhas da biografia, se prendendo em dar sentido e criar uma singularidade na história.

O autor Daniel Aarão Reis faria novamente sua própria escolha ao falar da relação social da Coluna Prestes com as pessoas e informa que: “Era constante encontrar vilas e pequenas cidades abandonadas pelos habitantes, que fugiam apavorados com a chegada dos rebeldes.” (REIS, 2014, p. 77). Também se encontram limites nessa apresentação. Ela se torna única como a primeira de Anita, tendo suas particulares e diferenças. Claro que foi uma tentativa de criar lógica e coerência diferente da apresentada por Anita Leocádia Prestes em sua produção historiográfica, ao mesmo tempo que tenta tirar o heroísmo da Coluna. Isso colabora para ver os eventos de forma plural, contribuindo para maior divergência entre as obras.

Afinal, o povo tinha simpatia ou medo da Coluna Prestes? Escolhendo uma resposta definitiva, poderia-se pensar automaticamente que um dos autores estaria no lado da “falsificação histórica”, ou seja, inventando uma mentira sobre o acontecimento. Entretanto, tanto poderia haver quem admirasse e simpatizasse como também quem tivesse medo. O erro dos autores foi particularizar e generalizar somente um tipo de resposta para essa questão, afinal, a Coluna tinha tanto muitos aliados como também muitos inimigos. Os autores falharam em contextualizar essas apresentações sobre a percepção do povo em relação a coluna, também não foram precisos ao citar a temporalidade em que suas respostas se encaixavam e nem no lugar em que se situavam.

Porém, nessa discussão comparativa entre duas biografias de um único personagem, vemos a todo o momento os autores tentando ser contrapor na narrativa do personagem e em os eventos que participou. Mas o objetivo aqui não é nem analisar qual está mais certa, até porque isso é impossível, objetivo mesmo é apenas mostrar como as atuações políticas se apresentam de maneira dual, ampla e plural em comparação nessas duas obras. Constrói-se assim duas narrativas distintas de um mesmo ato. Não podemos esquecer que assim como Daniel Aarão Reis leu a historiografia da Anita Leocádia Prestes e tentou escrever algo diferente, essa última também pode conhecer a obra de Daniel Aarão Reis antes de lançar sua própria biografia. Ou seja, a divergência foi pensada, articulada e praticada. Ela, em nenhum momento viria a nascer de forma natural e ocasional. Ela era uma clara tentativa de lutar por um lugar de falar da vida de Luís Carlos Prestes.

Dentro de sua própria biografia, Daniel Aarão Reis (2014, p. 87-89) faria uma crítica ferrenha a Anita Leocádia Prestes. Para ele a historiadora em sua

historiografia interpretou de maneira completamente errada o episódio ocorrido em Piancó, município do estado da Paraíba, evento esse que envolveu o ex-padre Aristides Cruz. Segundo Daniel, Anita viu o massacre e o aniquilamento dos inimigos, que eram o ex-padre e os legalistas que ele liderava, como um evento que ajudou a glorificar em todo o Nordeste a Coluna Prestes, movimento esse, que era liderado por seu pai, Luís Carlos Prestes. Porém, já segundo Daniel isso era uma análise muito generalizante. Esse evento provocou o aumento do temor e medo sobre a Coluna, medo possivelmente de essa ação voltar a ser praticada em outras localidades com outros inimigos.

Quando os autores passaram a buscar respostas que justificassem o encerramento da marcha e conseqüentemente o fim da Coluna, também partiram por questões distintas.

Em um momento de reflexão em sua biografia, Daniel Aarão Reis (2014, p.76) escreveria que: “[...] os rebeldes ressaltavam sua honestidade de propósitos e reconheciam que o povo era o realmente ‘a vítima mais sacrificada’”. Ou seja, o fim seu deu mais por reconhecimento de que a luta não era mais proveitosa, e que isso era do conhecimento dos tenentes liderados por Luís Carlos Prestes, se esse sabia, como insinuado, teimou em continuar e a machucar e sacrificar o próprio povo em nome de seus interesses. Postulou-se, assim, que não havia nada de heroico na atitude do comandante Luís Carlos Prestes.

Já de maneira mais moderada, a Anita Leocádia Prestes descreve o fim da Coluna de forma mais amena, com palavras e frases de menor desestruturação, reconhecendo o sacrifício de um povo. Porém, não faz o anúncio de que a coluna mais sacrificava o povo do que o salvava, como Daniel Aarão Reis fez. O autor narra que os tenentes já sabiam há bastante tempo que não estavam tendo êxito em sua luta e que mesmo assim insistiam nela. Já a Anita Leocádia Prestes resolveu não colocar o povo como principal vítima, como o autor Daniel Aarão Reis fez.

[...] Prestes reuniu os soldados para explicar-lhes as razões da emigração: embora a Coluna não tivesse sido desbaratada nem derrotada, não fazia sentido continuar causando tantos sacrifícios às populações das regiões por onde os rebeldes passavam; um novo presidente já assumiria o poder e havia chegado a hora, portando de buscar outros caminhos para dar prosseguimento à luta. (PRESTES, 2015b, p.96).

O fim se dava, mas já se apontava segundo a autora a busca por um outro meio para seguir no caminho da luta.

Com o exílio a batendo a parte de Luís Carlos Prestes e de seus liderados, Anita colocaria a marcha final para o exílio como “[...] um espetáculo impressionante e significativo: seiscentos e poucos homens (o que restara da Coluna), em andrajos, feridos e enfraquecidos, mas vitoriosos, a ouvir de seu comodamente as razões por que as armas seriam ensarilhadas.” (PRESTES, 2015b, p.97). Ou seja, apesar da derrota existia um sentimento de vitória e de honrar, principalmente por ouvirem de Luís Carlos Prestes os motivos que levariam eles a encerrar a coluna, mais uma clara tentativa de enaltecer o seu pai.

Para Daniel a cena foi “Um espetáculo ‘tristemente desolador’. ‘Homens depauperados, descalços [...] muitos embrulhados em trapos de cobertores, que mal lhe encobriam as vergonhas, e inúmeros vestidos com vagos farrapos que tinham sido calças ou ceroulas’.” (REIS, 2014, p.105). Nesse momento já não se vê nem o sentimento de vitória, apenas de descrições físicas e de imagem do fracasso desolador ou de uma derrota, que destruiu qualquer sentimento de alegria. Nem Luís Carlos Prestes foi citado como um agente do sentimento otimista.

Daniel Aarão Reis viria em outros momentos mais oportunidade para destacar a sua suposta imparcialidade e moderação, quando vai descrever Luís Carlos Prestes como “Um experimentado condutor de homens, provado na epopeia da Coluna. Já com alguma vivência política, era sobretudo um homem de ação, mas com experiência de luta e de vida partidária quase nula.” (REIS, 2014, p.170). Não deixava ele de enaltecer e depois desconstruir. Talvez se sentisse na linha uma necessidade quase sempre de estar praticando essas ações narrativas, com objetivo claro de se diferenciar das narrativas de Anita Leocádia Prestes.

Já Anita Leocádia Prestes continuava a prática de elogiar de maneira disfarçada, quase sempre colocando o elogio dentro do contexto do evento. Quando se remete ao início da crise do governo Vargas, ela fala que “Naquele início de 1935, tornava-se patente, de um lado, o acentuado desencanto com o governo Vargas e, de outro, o inegável renascimento do prestígio de Prestes.” (PRESTES, 2015b, p. 165). Uma clara apresentação comparativa e lógica para autora e talvez para o leitor: comparar a influência de um presidente com a de Luís Carlos Prestes, sendo essa uma balança. Quanto mais desencantamento um atingisse, mais prestígio o outro conseguiria. Nesse momento vemos mais um limite da biografia, a

lógica de dar sentido para as explicações narrativas. Porém ela tenta encaixar o personagem dentro de um contexto, o que é válido. Outro ponto a se prestar atenção, e que também está dentro dos limites, é o peso e o valor que ela apresenta sobre o personagem, o comparando em peso de crédito com outro, sendo que este ocupa um cargo de poder, e Luís Carlos Prestes de nenhum.

Quando os autores partem para explicar os caminhos que a Aliança Nacional Libertadora (ANL) tomaria depois da ida à ilegalidade, Daniel falaria que “Os propósitos de Prestes eram, de fato, e indiscutivelmente, irrealistas. Mais tarde, ele próprio reconheceria isso, ao afirmar que teria sido mais adequado manter o manifesto nos estritos limites do antifascismo.” (REIS, 2014, p.178). O autor mostra que o mesmo tinha apresentando um sentimento de arrependimento sobre o que tinha escrito no manifesto, e que era melhor tê-lo mantido dentro de um certo limite. Anita Leocádia Prestes não apontaria o arrependimento de Luís Carlos Prestes pelo Manifesto. Para ela:

Embora o *Manifesto de 5 de julho* fornecesse um bom pretexto para adoção dessa medida, sua verdadeira causa sedia no fato de a ANL e as demais entidades democráticas ampliarem sua penetração junto a opinião pública e atraírem número crescente de adeptos e simpatizantes. (PRESTES, 2015b, p.174, grifo da autora).

Então ela via mais como um fechamento estratégico por parte de Vargas do que propriamente como um erro de trama por parte do seu pai, Luís Carlos Prestes. Porém, não se pode destacar a possibilidade da autora novamente estar tentando tirar o enfoque negativo do personagem.

Quando Daniel e Anita partem para falar sobre a insurreição, o primeiro fala que não faltou aviso de prováveis tensões e radicalizações. Luís Carlos Prestes tinha sido avisado sobre a provável insurreição prematura e desorganizada, mas não levou muito a sério, viu apenas como incitação a luta que se encaminharia e preferiu não intervir (REIS, 2014, p.181); e a segunda é a de que Luís Carlos Prestes estava isolado e não teria poder nenhum em controlar algo que estava fora de seu alcance (PRESTES, 2015b, p.184). Tudo estava “levando-o a se transformar no comandante de um movimento cujo controle não era seu, diferentemente do que ocorrera durante a Marcha da Coluna.” (PRESTES, 2015b, p.184).

A comparação dessas duas biografias prova a falta de sintonia entre as obras e seus autores, difícil não ver as narrações sem ver sua dualidade, ou melhor, a

pluralidade das atuações e tramas políticas presentes na vida de Luís Carlos Prestes.

São divergências projetadas por interesses, escolhas e limites, patrocinadas pela busca de um espaço ou de influência na narrativa de um personagem histórico, biográfico e político. Autores que tem objetivos claros de intencionam qual narração projetaria melhor memória sobre o protagonista biografado.

CAPÍTULO 3 - LUÍS CARLOS PRESTES: SUA FABRICAÇÃO NA LITERATURA E NO FOLHETO DE CORDEL

Analisando diferentes lugares de produção textual, visualizo que assim como na historiografia e na biografia, a literatura e o folheto de cordel também colaboraram para a construção de mais narrativas sobre a vida de Luís Carlos Prestes. Entretanto, cada um destes lugares de produção textual partem dos seus próprios métodos, limites e sensibilidades, todas tendo o seu próprio objetivo, o que por si só colabora para a distinção em sua classificação. E ao que se refere à Literatura, veremos como ela se aproxima e se distancia da própria História. No caso do Folheto de Cordel, que é uma das áreas analisadas aqui, pretendemos mais a frente destacar os seus limites e possibilidades. Ao que se refere às duas áreas de escrita, tento mostrar o papel dos seus autores em sua produção, afinal, vejo os autores como também personagens em suas obras, a sua atuação se limita em palavras e subjetividades nas narrativas do personagem protagonista.

O recorte presente nesse capítulo continua sendo o mesmo do capítulo anterior. Busco analisar a vida política de Luís Carlos Prestes do movimento tenentista da década de 1920 até ao seu cárcere na década de 1930. Afinal, além das fontes que irei utilizar se focarem nessa temporalidade, também visualizo nesse recorte o seu momento de maior ambiguidade e auge de sua atuação política no cenário nacional brasileiro.

Porém, existe uma diferença na abordagem deste capítulo em comparação com o anterior. Com as biografias visualizamos um embate de dualidade na disputa de quem carregaria o título de narrador oficial na vida do personagem, além da ambiguidade presente nas duas biografias, que naquele referido caso, ajudaram a construir “personagens”, com uma dualidade, para “um” único homem real.

Na literatura e no folheto de cordel existe uma imagem mais generalizada de herói e de mito para Prestes. Entendendo que cada livro e que cada autor cria sua própria imagem do personagem, vejo uma clara diferença entre a ambiguidade das biografias e a convergência da literatura e do folheto de cordel.

As biografias analisadas se contradizem entre si, enquanto que a literatura e o cordel que aqui serão apresentados e analisados costumam levar quase sempre para um mesmo ponto: o heroísmo de Luís Carlos Prestes, o personagem protagonista dessas duas áreas de escrita.

Compreensível que neste estudo o personagem Luís Carlos Prestes terá uma apresentação mais constante, já que é a referência desta monografia. Porém, sempre estará dividindo o espaço com os autores das suas referidas fontes de escrita. Afinal, o objetivo central deste Capítulo é entender e problematizar a mitificação de Luís Carlos Prestes e, para isso, se deve primeiro estudar sobre os seus autores e as condicionantes que fizeram parte do processo de elaboração das obras que o retratam, das quais intitulo como “obras de escrita”.

Para tratar finalmente das representações que ajudam a criar o mito Luís Carlos Prestes, pretendo ter como fonte primeiramente o Livro *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Prestes*, obra lançada originalmente no ano de 1942, pelo romancista e literário Jorge Amado. Este livro tem uma condição especial. Como veremos no próximo tópico para alguns é visto como literário, para outros, como biográfico. No meu caso, não classifico como biografia, apesar de contar toda a história de Luís Carlos Prestes até o ano de sua publicação. Defendo a tese de ser apenas uma literatura. Mas também levantarei essa discussão no próximo tópico, apresentando o contexto da obra e as condicionantes de sua produção e o papel da literatura para a História.

Em um terceiro momento, outras duas fontes irão ser utilizadas. Ambas são folhetos de cordel. Uma do cordelista Antonio Queiroz de França com o título *Luiz Carlos Prestes o Cavaleiro da Esperança*, e o outro do também cordelista Medeiros Braga com título *Luiz Carlos Prestes “O Cavaleiro da Esperança”*. Ambas são obras posteriores ao livro de Jorge Amado: o primeiro cordel é de 2006 e segundo de 2015. Os dois ajudam a cultivar ainda mais a figura do personagem. Mas antes iremos apresentar qual era o papel do folheto de cordel, e quem são os autores e os seus objetivos.

Por último, mostrarei como os autores tanto do folheto de cordel como da literatura, se fizeram presentes na narrativa do personagem, e como ajudaram a heroificar Luís Carlos Prestes.

3.1 Limites e possibilidade da Literatura e o seu uso Político

Quando partimos para analisar a obra literária de Jorge Amado e o seu papel na montagem do herói Luís Carlos Prestes, vejo que nela reside o carro chefe; afinal ela contribuiu não somente em acrescentar mais uma representação para o

personagem, como também influenciou outras áreas, como o próprio cordel. Em seu método, há uma clara diferença entre a historiografia, pela não necessidade do uso das fontes, o que se torna uma vantagem ao se poder construir com mais liberdade a sua narrativa sobre o personagem,

Não podemos negar a subjetividade que qualquer autor pode colocar na elaboração de diferentes obras literárias e históricas. Indiscutivelmente entre todas as áreas de escrita analisadas até aqui, a literatura é que tem maior liberdade no desenvolvimento, tanto que ela “[...] é registro e leitura, interpretação, do que existe e proposição do que pode existir, e aponta a historicidade das experiências de invenção e construção de uma sociedade com todo seu aparato mental e simbólico.” (BORGES, 2010, p.98). Então, a literatura registra, mas não de forma metódica como a história; ela faz sua própria leitura de mundo, e antes de tudo, tem sua interpretação sobre os acontecimentos, por isso não posso cobrar de Jorge Amado (2011) maior fidedignidade e exposição de fontes ao descrever e expor sua visão sobre atuação política de Luís Carlos Prestes.

Porém, existem grandes limites em se utilizar da literatura como fonte histórica. De acordo com Pesavento (2003, p.35):

[...] sem sombra de dúvida, o exercício ficcional da escrita da História encontra limites, se formos considera-lo com relação àquele que preside a escrita da Literatura. Estes limites se dão, por um lado, pela exigência deste acontecido, ou de que os personagens e fatos sejam reais.

Apesar disso não se pode esquecer do potencial dessa fonte para as análises das construções narrativas, porque apesar de não ter uma missão de escrever o real não podemos deixar de destacar que:

[...] toda ficção está sempre enraizada na sociedade, pois é em determinadas condições de espaço, tempo, cultura e relações sociais que o escritor cria seus mundos de sonhos utopias ou desejos, explorando ou inventando formas de linguagem. (FERREIRA, 2017, p.67).

Existe também uma forte relação das duas áreas em sentido ao mundo, já que “[...] a História e a Literatura oferecem *o mundo como texto*.” (PESAVENTO, 2003, p. 32, grifo da autora). Então, logo as duas não são tão distintas assim.

Entretanto, para Pesavento (2003, p.35), “[...] a História tem para com esta recriação do *mundo feito texto*, uma condição: é preciso que tudo tenha acontecido. O *como* é fruto das escolhas e estratégias ficcionais do historiador, mas é preciso que algo tenha realmente ocorrido.”.

A ficção está intrinsicamente ligada à literatura. Exemplo maior disso pode ser visto no livro *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Prestes*, de Jorge Amado (2011). Observe que o livro retrata os acontecimentos de um determinado recorte temporal e que se baseiam em situações existentes. Mais do que simplesmente isso, os seus personagens foram baseados em atores também reais e existentes. Isto é uma clara demonstração de como a literatura também pode fazer suas próprias “leituras” dos fatos e representá-la na escrita.

Entretanto, é indiscutível, que nesta influência ou enraizamento no mundo real e existente, também não esteja preso a uma visão de mundo subjetiva, criativa e cheia de possibilidades. E essa visão de mundo, não está presa às fontes, ou seja, não precisa provar o que escreve, não obstante, há a possibilidade de invenções, da dita criatividade literária, em nome do embelezamento da obra e o seu enquadramento editorial no mercado.

Assim como qualquer livro, o de Literatura também precisa vender, mesmo tendo objetivos ocultos e políticos, todos os autores tem o desejo de serem lidos, e para isso é necessário se encaixar e encantar as realidades vivenciadas ou não de vários candidatos a leitores. Só assim o engajamento da visão de mundo do autor pode ser divulgada e se tornar enraizada na cabeça daqueles que leem.

O autor cede em vários momentos, já que a fantasia quase sempre vence em nome do encantamento dos leitores. A História como ciência se difere da Literatura por essa ser ficção, assim como também as suas narrativas são diferentes pela utilização de fontes ou não. Como pensa a historiadora Pesavento (2003, p.36-37, grifo do autor):

A situação se torna um tanto mais complexa quanto se leva em conta que o historiador, quando constrói sua narrativa sobre o passado, tem uma pretensão a atingir a veracidade. Mesmo sabendo que não atingirá jamais a verdade do acontecido, ele é animado por esta busca de verdade, por este esforço de construção de uma versão plausível, possível, verossímil de fato, com foros ou *efeitos de verdade*.

Essa é a grande questão, que abre espaço para o limite entre a História e Literatura, mas que não nega a utilização desta última como fonte para a primeira.

Sabendo que ao que se refere a utilização da literatura como fonte, “O papel do historiador é confrontá-las com outras fontes, ou seja, outros registros que permitam a contextualização da obra para assim se aproximar dos múltiplos significados da realidade histórica.” (FERREIRA, 2017, p. 77). Porém, meu objetivo maior aqui é analisar a obra em si, e não o contexto dos fatos apresentados por ele. Busco entender como Jorge Amado apresenta Luís Carlos Prestes e os motivos que os fizeram escrever daquela forma.

Afinal, Borges (2010, p.98-99) nos diz que:

Sendo a literatura uma forma de ler, interpretar, dizer e representar o mundo e o tempo, possuindo regras próprias de produção e guardando modos peculiares de aproximação com o real, de criar um mundo possível por meio da narrativa, ela dialoga com a realidade a que refere de modos múltiplos, como a confirmar o que existe ou propor algo novo, a negar o real ou reafirmá-lo, a ultrapassar o que há ou mantê-lo.

Levando em conta toda discussão, o foco não é nem tanto o personagem Luís Carlos Prestes, mas sim o autor da obra. É ele quem é analisado, visto que estamos estudando sua visão sobre um determinado personagem de sua obra, que no fim da conta, foi espelhado em um real. No campo da Literatura, o livro *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Prestes* de Jorge Amado (2011) tem um claro “[...] objetivo de colaborar com a campanha em prol de Luiz Carlos Prestes, então preso.” (SOUZA, 2005, p.122). Segundo Amado (2011, p. 11), no seu prefácio, o livro foi escrito em 1941 e lançado na Argentina em 1942, e por lá depois proibido. Até algumas versões clandestinas foram vendidas aqui no Brasil, porém “A primeira edição brasileira só pode circular em 1945” (SOUZA, 2005, p.122).

Usar como fonte literária *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Prestes* pode parecer simples, mas é uma discussão complexa. Primeiro porque Jorge Amado classifica sua obra como biográfica; segundo, que em seus críticos e estudiosos não existe um consenso se a obra é literatura ou biografia. O historiador professor de Letras e de Inglês, Fernandes (2015b, p.3), fala que:

Jorge Amado, em sua biografia romanceada de Prestes, nos apresenta uma visão poética do revolucionário gaúcho. Visão, logo,

ato de ver, que nos remete à imagem. Assim, o escritor torna-se intermediador de nosso encontro não necessariamente com um Prestes dentro dos limites impostos pela história, mas com uma imagem que surge à nossa leitura a partir dos olhos do autor. É a imagem da imagem; o Prestes com quem nos deparamos é a visão de Amado sobre ele. O distanciamento do objeto, para o leitor, é dobrado. O fascínio potencializado.

Ou seja, pra ele é uma biografia romanceada, que potencializa a atuação do personagem a partir das representações de Jorge Amado. Outro estudioso do tema, o historiador Pontes (2008, p.90), coloca que:

A biografia possui suas contradições. Semelhantemente a História, ela possui seu comprometimento com o expressar a verdade, ao mesmo tempo em que recorre à Literatura, para contar os “fatos” ocorridos, podendo construir narrativas ficcionais ao redor de “fatos” verídicos, seja para preencher uma lacuna ou por estética narrativa.

Já para o professor de Letras Souza (2005, p.124), ao comentar uma citação sobre o assunto diz que Biografia:

[...] presume uma pesquisa sobre o objeto da biografia na sua totalidade, tanto fatos positivos quanto negativos. Presume também uma citação de fontes e evidências para cada fato da vida narrado. É uma variante do "segundo fulano", dos trabalhos acadêmicos e dos livros de história. Não posso deixar de comentar também sobre os aspectos que são apontados no trabalho biográfico. Aparentemente Jorge Amado ignora esses aspectos: quanto ao psicológico, as análises que faz de Prestes são sempre tendenciosas, em uma tentativa de construir um herói; o histórico é esquecido quando não cita as suas fontes; o ético e o direito de saber quando proporciona ao leitor uma visão apenas unilateral sobre a figura e o vulto históricos. Sai uma biografia que raia o messianismo e também o sebastianismo.

O autor apesar de não apontar o livro como literatura deu a entender o limite claro em chamar a obra de biográfica.

Não faz parte deste capítulo discutir se a obra é ou não é uma biografia. Para mim, classificar uma obra que foi construída sem a necessidade de recorrer tanto a fontes e metodologias, como as duas biografias analisadas no capítulo anterior, e que foi escrita por um literário, fica mais aceitável classificá-la como literatura, mesmo tendo todos os critérios para também ser considerada uma biografia, ou melhor, uma biografia romanceada. A escolha é apenas para diferenciar esta obra

das duas últimas analisadas no capítulo anterior, que são diferentes pelo recorte, temporalidade e métodos usados em sua construção.

Dada às circunstâncias voltamos para a contextualização. Deve ser claro que esse referido livro seria proibido, afinal o seu conteúdo é sobre um dos principais opositores do governo Vargas. Mas como tudo muda, e com o desenrolar do tempo, esse cenário mudou completamente, principalmente quando Souza (2005, p.122) nos diz que o Brasil:

[...] a fazer parte da aliança que unia EUA, URSS e outros países. Assim, o governo brasileiro viu-se obrigado a integrar uma aliança da qual fazia parte um país comunista. Com isto, os comunistas brasileiros se sentiram suficientemente seguros para passar a participar mais da vida intelectual do país, assim como reivindicar a legalização do PCB e a liberdade de Prestes.

O fechamento aos comunistas surgiu desde a Insurreição Vermelha e postergou até o surgimento da aliança com os comunistas na Segunda Guerra Mundial. Foi esse fechamento que fez a obra de Jorge Amado ser proibida aqui no Brasil, e que também o motivou na produção de sua obra, já que ela surge como meio de engajamento e protesto à prisão do líder comunista Luís Carlos Prestes. Isso só foi mudar quando o governo de Getúlio Vargas fez uma aliança política e militar com um país comunista, para combater antigos inimigos da ANL, Nazi-fascismo. Por isso que como já destacado anteriormente, só em 1945 o livro passou a circular no Brasil de forma livre e legal. Será nesse período que teremos uma maior abertura para os comunistas no Governo de Getúlio Vargas.

Surge com esse campo uma grande forma de engajar o público, que foi usada de forma sábia pelo PCB. Seu uso principal era que a partir das ferramentas intelectuais se desejava penetrar e criar uma consciência de classes. Com isso, “Nesse momento, os comunistas começam a se organizar, buscando o apoio dos artistas.” (SOUZA, 2005, p.122). Sendo Jorge Amado um deles e o Livro *O Cavaleiro da Esperança: vida de Luís Carlos Prestes* já um dos meios de engajamento em nome dos interesses do PCB.

“A obra de Amado passa então a ser entendida consoante a outros esforços do partido no sentido de tornar possível catalisar, em torno do nome de Prestes, as energias de militantes ou da sociedade em geral.” (BARBOSA, 2010, p.102). Por isso a importância de ver a obra de Jorge Amado como mais uma das vozes que

narram e se acrescentam na pluralidade da imagem do personagem Luís Carlos Prestes.

3.2 O Folheto de Cordel como instrumento da conscientização política

O folheto de cordel, apesar de apresentado em separado à literatura aqui nesta pesquisa, continua fazendo parte do mesmo gênero textual, afinal, o cordel também é literatura. Contudo ela apresenta uma característica que a diferencia do modo da escrita literária mais comum. Isto porque tem uma forma mais poética de apresentar determinado texto. Geralmente ela era fruto da “[...] oralidade, pois foi através das narrativas orais, contos e cantorias que surgiram nossos primeiros folhetos, tendo a métrica, o ritmo e a rima como seus elementos formais essencialmente marcantes nessa literatura.” (SILVA, 2007, p.12).

Prefiro denominar a fonte como folheto de cordel, mas existem outras denominações, como literatura de cordel. “No entanto, é bom lembrar que a produção da literatura popular brasileira não foi denominada de *literatura de cordel*, e sim, de *folhetos*.” (SILVA, 2007, p.13-14).

Ele se tornou bastante popular já que “O folheto é mais sucinto e direto, simplificando a estrutura dos períodos e privilegiando a ordem direta nas orações.” (ABREU, 2004, p.205), o que claro agradava quem não tinha grande costume em ler ou em ter condições financeiras para comprar livros. Por ser uma versão de menor tamanho em comparação com um livro comum e também por suas páginas de escrita serem diminutas, o folheto de cordel se tornava peça barata e de fácil acesso, o que o fez tornar-se popular. O que contribuiu também para sua popularidade foi o fato de agradar os seus leitores por seu ritmo e métrica, já que seu conteúdo também podia ser recitado como poesia na oralidade.

“A literatura de folhetos produzida no Nordeste brasileiro desde o final do século XIX coloca homens e mulheres pobres na posição de autores, leitores, editores e críticos de composições poéticas.” (ABREU, 2004, p.199). O folheto de cordel integrava classes pobres no mundo das letras, o fazendo de grande porta voz de seus autores em suas representações, histórias, ressignificações e poesias.

Como sabemos, irei analisar os cordéis dos cordelistas Antonio Queiroz de França e Medeiros Braga. Do primeiro autor se trata *Luiz Carlos Prestes o Cavaleiro da Esperança*, lançada em 2006, e do segundo *Luiz Carlos Prestes “O Cavaleiro da*

Esperança” lançada em 2015. Ambos são muito recentes, mas com um intervalo de nove anos entre os dois. Seguimos com a apresentação dos autores, já que não temos os motivos que levaram a produção dos cordéis. Sabemos no máximo que os dois autores tem polo ou eixo temático bastante semelhante. É quase um mesmo perfil de produção, diria, da mesma escola cordelista, que se volta para a educação política e a conscientização social.

Antonio Queiroz de França é um cordelista cearense que vem lançando vários cordéis de cunho político social. Quase toda sua obra tem como principal objetivo politizar as massas em busca das transformações sociais e criticar as mazelas do sistema capitalista. Suas obras se voltam a retratar desde releituras de livros já clássicos, como eixos temáticos ou os ditos grandes personagens. O cordel do autor que vai ser analisado aqui é apenas um dos muitos sobre personagens que publicou, contribuindo diretamente para a fácil absolvição dos mesmos para os seus leitores.¹ A contribuição do autor no meio social em que vive é de grande influência, especialmente quando se refere a levar informação, conhecimento e consciência de forma fácil e rápida em seus versos no folheto de cordel.

O cordelista Medeiros Braga é paraibano e também tem publicado um longo acervo de cordéis voltado para o campo político social e de educação popular. Da mesma forma que Antonio Queiroz, Medeiros Braga também se foca ao “lado esquerdo” da política e costuma lançar também cordéis sobre personagens progressistas, que são exatamente representações que apresentam uma preocupação social ou que lutam em nome de uma “coletividade” social, em nome de todos ou de uma classe. Podemos perceber diversos eixos temáticos deste tipo de literatura voltados para a história, a ecologia, a geografia, a filosofia, o cangaço e a literatura clássica universal. Tais aspectos contribuem bastante para o incentivo a leitura e a tentativa de politizar o povo brasileiro através dos seus folhetos de cordel.² O autor acredita poder mudar a realidade do mundo através da conscientização do povo, e por isso vê importância na publicação deste tipo de obra.

Por mais que muitos pontos em comum tenham sido postos em sua apresentação, ainda há o fato de ambos ajudarem de sua forma: a de heroificar Luís

¹ A LITERATURA de cordel de Antônio Queiroz de França a serviço da revolução. Disponível em: <<https://inverta.org/jornal/edicao-impressa/482/cultura/a-literatura-de-cordel-de-antonio-queiroz-de-franca-a-servico-da-revolucao>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

² POETA Medeiros Braga – Síntese biográfica. 2014. Disponível em: <<https://memoriasdapoesiainpopular.com.br/2014/11/25/poeta-medeiros-braga-sintese-biografica/>>. Acesso em: 13 fev. 2018.

Carlos Prestes em suas narrativas. Isto pode ser notado pelo cuidado na forma em que apresentam Luís Carlos Prestes e a forma de como incitam o culto ao personagem. Veremos isto melhor no próximo tópico.

3.3 Literatura e Cordel glorificando Luís Carlos Prestes

Depois de apresentar os campos explorados e seus respectivos representantes, irei agora mostrar como se montou o eleito “herói” Luís Carlos Prestes pelos dois autores citados da literatura e cordel.

O autor Amado (2011, p.59) afirma que “[...] Luís Carlos não poderia ser médico. A única profissão que lhe seria possível, porque era uma profissão barata, era a militar. Militar como seu pai, ali também se podia servir a humanidade.”. As palavras postas aqui não são coincidência. O desejo é de colocar o personagem como um servidor, que serve aos interesses da humanidade, que tinha nisso o seu desejo. Já o cordelista França (2006, p.5) fala que:

*Luiz Carlos não podia
Cursar uma faculdade
Não havia herdado nada
Além da honestidade
Mas ele tinha certeza
Ser essa a maior riqueza
Que tem na humanidade.*

Como vemos apesar de claras as apropriações do cordelista sobre as ideias de Jorge Amado (2011) ele ainda acrescenta a ideia de honestidade. A ideia é aprimorar cada vez mais a ideia de humanidade com o acréscimo do termo honestidade.

Em outros momentos se destacava o espírito solidário até mesmo nos estudos do personagem, que abandonava qualquer interferência do sentido egoísta.

O segundanista Luís Carlos Prestes ensinava a alunos de terceiro ano. Esse era um rapaz sem egoísmo. Na sala de estudos não estudava sozinho, numa ânsia de vencer competidores. Estudava em voz alta, diante do quadro-negro, rodeado pelos colegas, estudando para si e para todos, preparando em conjunto, resolvendo diante dos outros os problemas escolares do dia seguinte. (AMADO, 2011, p.65).

No cordel era colocado que (FRANÇA, 2006, p.7):

*Seu sonho de liberdade
 Não tem princípio egoísta
 Ele sonha sem dormir
 Com o mundo comunista
 Aonde o trabalhador
 Não tem que ser matador
 E sim, um ser humanista.*

Não obstante ser honesto, ainda era colocado como altruísta, humanista e de sonhos nobres que se colocam a pensam no próximo.

A sua descrição nos textos sempre o colocam como líder educado, ou melhor, um “doutrinador” que formou opinião dos seus colegas e que os encaminhou para o processo da revolução. Jorge Amado (2011, p.67) afirma que “Os homens que fizeram as revoluções de 22, 24,30 e 35 foram educados por Prestes, tiveram nele o seu professor e isso quando ele era ainda aluno da Escola Militar.”. Essa imagem de educado/professor seria reforçada no cordel de Braga (2015, p.6):

*Corridos noventa dias
 No uso do bom civismo
 Zerou no meio das tropas
 O seu analfabetismo,
 Muitos puderam aprender
 E adquirir o saber
 Para entender o abismo.*

Outro ponto que não pode ser deixado de lado é a tentativa de encantar a narrativa do projeto da Coluna Prestes, onde o autor Jorge Amado desenha Luís Carlos Prestes como “Um moço de gênio, general de 26 anos, traça no mapa os novos caminhos de uma raça e marca, com passos profundos dos seus soldados, as estradas da libertação do Brasil.” (AMADO, 2011, p.97), além de chamar o personagem de gênio, ainda afirma que sua marcha era as “estradas da libertação do Brasil”, uma clara tentativa de fortalecer o suposto destino de herói, que Luís Carlos Prestes tinha que “suportar”.

Jorge amado não tem medo de “reverenciar” Luís Carlos Prestes, como apresentando. Era esse talvez o seu grande objetivo. Aspectos literários são comuns em sua dita “biografia”. Como Amado (2011, p. 99) nos diz:

Mas de repente, o sertanejo larga sua foice, seu machado, suas cadeias de escravidão. Sua foice é um fuzil agora, uma metralhadora

é seu arado, na frente da Coluna vem o Cavaleiro da Esperança. Ele atravessa o sertão como um vento de tempestade que muda a face das águas e traz à tona do mar os detritos escondidos no fundo dos oceanos.

O cordel também não teria modéstia em elevar a narrativa do personagem ao de herói (FRANÇA, 2006, p.8):

*Após tragédia do forte
Teve seqüência normal
Surgia a “Coluna Prestes”
E a Aliança Liberal
Sempre com a liderança
O “Cavaleiro da Esperança”
Nosso herói nacional.*

Assim como nas biografias analisadas no capítulo anterior, Jorge Amado sofre do mesmo mal, ele tenta dar sentido, ligar os fatos para dar uma lógica na narrativa do seu personagem biografado. Em várias partes do livro ele tenta interligar eventos e dá entendimento mais lógico a quem ler, como ao afirmar que “O marxista Luís Carlos Prestes de hoje resulta diretamente da marcha da Coluna.” (AMADO, 2011, p. 98) ou que “Sem coluna não seria possível a Aliança Nacional Libertadora em 35.” (AMADO, 2011, p.100.).

Porém, Jorge Amado tem uma grande vantagem em sua dita “biografia romanceada” em comparação às biografias políticas. Ele não precisa necessariamente das fontes para sua produção literária. Ele pode ser mais criativo e preencher as lacunas com a sua literatura ficcional, e com isso enriquecer os detalhes. Claro que usaria isso para promover mais o suposto “grande homem e bondoso” Luís Carlos Prestes que “[...] faz a pé, para que um soldado mais cansado, talvez ferido, possa utilizar seu cavalo”. (AMADO, 2011, p.114).

Impressiona o embelezamento que se postula em Luís Carlos Prestes, e como se tenta mostrar o personagem como fonte de inspiração.

O gênio de Prestes e o heroísmo de Prestes, a sua rapidez de iniciativa, a sua capacidade de resolver imediatamente as situações, se reproduzem em cada oficial, em cada soldado. Em cada regimento, em cada batalhão, em cada potreada. Aí não há apenas o chefe. Há ele, o maior soldado da sua pátria e há cada soldado como valor humano. (AMADO, 2011, p. 118).

No cordel ele também era um homem que se diz engajado. Braga (2015, p.11) diz que:

*Prestes foi o grande agente
No conceito popular
Pelas posições políticas
Estratégia militar
Soube com capacidade
Suprir a dificuldade
E simpatias ganhar.*

Como notado nas duas citações anteriores, é apresentando, ou se tenta apresentar um personagem que resolve de maneira rápida os seus problemas, sendo capaz de superar as dificuldades e influenciar os seus pares a mesma condição de “solucionador de problemas, dificuldades e desafios”.

Interessante a tentativa de Jorge Amado de justificar as suas ideias, como: “Para essa gente desesperançada, o pescoço dobrado à canga da escravidão, restou um ânimo novo após a passagem da Coluna. E por isso, negra, chamaram ao moço que a conduzia de ‘Cavaleiro da Esperança’.” (AMADO, 2011, p.125). E isso também influenciou o cordel. Claramente o cordelista usou o livro como referência, reproduzindo e dando uma nova roupagem ao discurso de Jorge Amado sobre Luís Carlos Prestes em seu folheto de cordel. Tanto que Jorge Amado é citado pelo cordelista Braga (2015, p.20) como:

*“Cavaleiro da Esperança”,
Foi assim que Jorge Amado
Tratou Luiz Carlos Prestes
Em livro biografado,
Bonito o imortalizou
Nas linhas que registou
Os seus feitos no passado.*

O cordel também contribuiu para a glorificação do dito herói Luís Carlos Prestes. De tal forma que no contexto da obra sempre se colocava a dualidade Luís Carlos Prestes e o inimigo, na figura do personagem o “lado bom”.

Vejamos do que se fala da Coluna por parte do cordelista Braga (2015, p.9):

*Vinte e cinco mil quilômetros
Em dois anos percorridos,*

*Propagando um país justo
Sem coronéis e bandidos,
Sempre por onde passava,
Era o que Prestes pregava
Aos sertanejos sofridos.*

Não obstante, ainda se havia uma apelação de embelezamento da narrativa sobre protagonista de Jorge Amado (2011, p.192):

Mas num canto de selva os da caatinga, um soldado morria e na hora final, quando tudo se ia acabar para ele, enunciava como seu último desejo, como a coisa que poderia fazê-lo feliz na hora extrema da morte, aquela vontade de ter junto a si o general Luís Carlos Prestes.

No cordel, o fim da Coluna também serve para enobrecer o personagem (FRANÇA, 2006, p.29):

*A célebre Coluna Prestes
Na Bolívia se internava
O general Carlos Prestes
Nesse país se exilava
Um brasileiro lendário
Herói revolucionário
O povo o considerava.*

Os anos de exílio são descritos na literatura como um momento em que o personagem é feroz no que faz, aparentemente, descrito como um personagem que não se abate, não perde ou se cansa. “Esses anos de 28 e 29 são anos de intensos estudos. Prestes se debruça sobre os problemas, sobre os acontecimentos, sobre os livros. Não tem um momento de descanso.” (AMADO, 2011, p.208). Nem sequer a imagem de aventureira é permitida por Jorge Amado (2011, p.217):

Não foi essa, amiga a estrada de um aventureiro. Foi a estrada de um gênio, em quem as qualidades de inteligência se aliavam às qualidades de caráter. Sua honestidade jamais discutida, seu gênio tantas vezes provado. Luís Carlos Prestes, condutor do proletariado mundial.

O objetivo era desenhar a figura de um personagem com um destino traçado a ser herói e a liderar, que tinha muita inteligência e honestidade. Claramente era desenhado para agradar o povo brasileiro e suprir a falta destas qualidades no

cenário político. Assim, se fazendo necessário para o cenário social e político que se desenhava no Brasil e também para pressionar o governo para o fim da sua prisão, era uma boa panfletagem com objetivos bem definidos.

Ao se falar de sua volta e integração à ANL, o cordel não deixa de também impor sua narração de herói a figura de Luís Carlos Prestes. No (FRANÇA, 2006, p.29):

*Fim de mil e novecentos
E trinta e quatro, anunciam
A volta de Carlos Prestes
Que autoridades temiam
Da “Coluna Prestes” inda
Toda esperança não finda
E os sonhos se repetiam*

Realmente se passava a ideia de esperança associada a figura do personagem. Como por exemplo, ao associá-lo a ANL e a enobrecê-la: (FRANÇA, 2006, p.30):

*E ao líder Carlos Prestes
A A.N.L. oferece
A presidência de honra
O que muito lhe enobrece
O programa da “Aliança”
Dava ao povo segurança
E ao governo enfurece.*

No folheto de cordel era comum colocá-lo como admirado pelo povo de forma hegemônica, mas não definindo-se qual “povo” seria este, o apresentando de forma generalista, como se fossem as “massas amorfas”. Jorge Amado também faz isso quando narra a postulação de Prestes a presidência de honra da ANL: “E a multidão em delírio aprova a indicação com um aplauso que parece não ter fim. Agora tem certeza de que esse partido não será traído, nem vendido, nem entregue, que seu programa será cumprido.” (AMADO, 2011, p. 241).

E quando preso não é só ele que fica encarcerado, o povo também. Pelo menos é isso que diz Jorge Amado (2011, p.252): “Dia próximo, amiga, quando esse prisioneiro rebentar as cadeias, as suas e as do povo, dia em que Luís Carlos Prestes trará novamente sol para o Brasil e terminará com a noite da desgraça.”. O autor tenta criar a imagem e semelhança de Prestes com o povo brasileiro, e forma uma identidade a partir do personagem.

Mas vive a esperança. A liberdade não morre, foi o poeta quem disse, e por isso a polícia o procurava. Ele está presa, emparedada nas prisões brasileiras. Está presa com Luís Carlos Prestes, na sua cela sem ar e sem luz. Mas nessa cela todo o Brasil tem os olhos fitos. Nela está o Cavaleiro da Esperança, dela sairá a liberdade mais bela ainda, amiga. (AMADO, 2011, p.267).

Realmente nele se representa a esperança, tanto que “Dele vem a esperança que respiramos, a nossa força de luta. Nos seus ardentes olhos nós vemos o futuro do Brasil.” (AMADO, 2011, p.300). “Mas a sua grandeza no sofrimento era um espetáculo que animava o povo e o fazia odiar ainda mais a tirania. Mais que nunca o povo via naquele prisioneiro o seu líder, o seu chefe, o seu general, o seu Herói.” (AMADO, 2011, p.305). E assim se construiu uma imagem de herói nacional, verdadeiro e melhor representante do sofrimento do povo Brasileiro.

Por fim, Braga (2015, p. 20) ainda falaria do:

*Cavaleiro da Esperança
Um herói de identidade
Que começou a pregar
Uma nacionalidade,
E depois, ao infinito,
Bradou, e muito bonito:
Igualdade, liberdade.*

Se o objetivo dos folhetos de cordéis e da literatura era coroar Luís Carlos Prestes como herói, acredito que em sua narrativa isso foi feito com êxito de forma cirúrgica.

Grandes autores que souberam brincar com a imagem do personagem tratado, e defender ideologias perante os leitores com suas representações e signos de sentido, deram lógica, razão, motivos e desenharam um representante para si e para o “povo brasileiro”. Luís Carlos Prestes era panfletado como herói que não erra, e que até no sofrimento está em glória. O que foi apresentando nesse capítulo são apenas parte de uma multiplicidade de narrativas sobre um único personagem, que continua a se multiplicar pelo tempo em suas descrições e representações.

CONCLUSÃO

De certa forma, as várias narrativas apresentadas no decorrer deste trabalho tentaram criar suas próprias visões e sentidos sobre o personagem retratado. Como buscamos analisar vozes e obras, devemos entender o embate que estas obras passaram em suas construções, e como isso influenciou e influencia o processo de construção do personagem protagonista, que neste caso é o de Luís Carlos Prestes.

Além disso, teríamos a subjetividade dos autores em suas escolhas narrativas, fontes e recortes. Os autores também atuam como personagens em suas obras, afinal, são eles que narram e contam os eventos que o personagem participa. Não obstante, ainda constroem o protagonista partindo de suas visões de mundo, preceitos e idealismo.

Em suma, a construção de narrativas em volta de Luís Carlos Prestes provocou uma grande gama de ambiguidade, que o colocou perante o mundo atual de forma plural. No momento em que uma obra contesta a outra, existe um aprofundamento e o surgimento de divergências que ajudam a confundir o personagem único entre várias narrativas e vozes dos autores.

Em outra oportunidade, a convergência de vozes ajudaria a justificar o mito de heroísmo de Luís Carlos Prestes. Mas sem negar, que mesmo tendo uma convergência em nome de um objetivo claro, as vozes que narram criam diversos tipos de herói (e de Luís Carlos Prestes).

Talvez fosse possível uma maior análise historiográfica pela vasta gama de fontes ainda disponíveis em volta do personagem, permitindo assim outras análises de sua vida e a apresentação de mais vozes que o multiplicam na atuação política e social. Como exemplo, está o papel dos periódicos da época e contemporâneos na construção do personagem Luís Carlos de forma plural e divergente, partindo do lugar social de cada repórter.

Muita coisa ainda pode ser ampliada, como por exemplo, um estudo mais aprofundado das representações de toda a vida do Luís Carlos Prestes, principalmente nas biografias aqui analisadas. Outras obras (historiográficas, literárias e biografias), também tratam de apresentar outro leque de fontes que podem contribuir para a continuação desta pesquisa.

Um maior aprofundamento na discussão do idealismo do personagem poderia ser tratado, principalmente quando eles se referem à ideia de memória e da sua

identidade. Afinal, os autores que tratam Luís Carlos Prestes, em grande parte desejam a construção de identidade nacional a partir do personagem e as causas políticas em que se envolveu. Talvez por isso a necessidade de muitos em lidar com este personagem histórico e retomar constantemente esta discussão.

Apesar das narrativas aqui presentes nos informarem de várias facetas para Luís Carlos Prestes, não busquei apresentar diretamente neste estudo as produções textuais de autores que “demonizam” o personagem. O autor Aragão (1973) seria um caso exemplar, porém não me foquei, neste momento, em questionar a sua denominação para Luís Carlos Prestes de forma mais profunda. Deixo esta porta aberta para a próxima oportunidade.

FONTES:

AMADO, Jorge. **O Cavaleiro da Esperança**: vida de Luís Carlos Prestes. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BRAGA, Medeiros. Luiz Carlos Prestes “O Cavaleiro da Esperança” [s.n.], 2015. 20 p. Cordel.

FRANÇA, Antonio Queiroz de. **Luiz Carlos Prestes O Cavaleiro da Esperança**. Fortaleza: Tupynanquim Editora, 2006. 32 p. Cordel.

PRESTES, Anita Leocádia. **Luiz Carlos Prestes: um comunista brasileiro**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015b.

REIS, Daniel Aarão. **Luís Carlos Prestes. Um revolucionário entre dois mundos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

REFERÊNCIAS:

ABREU, Márcia. "Então se forma a história bonita" — relações entre folhetos de cordel e literatura erudita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n.22, p.199-218, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v10n22/22701.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

ARAGÃO, José Campos de. **A Intentona Comunista de 1935**. Rio de Janeiro: Bibliex, 1973.

BARBOSA, Júlia Monnerat. **Militância política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB**. 2010. 403 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010. Disponível em: <<http://www.historia.uff.br/stricto/td/1213.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

BARROS, Cleber de. **A Ideologia do Movimento Tenentista**. 2005. 35 f. Monografia (Especialização) - Curso de História, Departamento de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. Disponível em: <http://www.humanas.ufpr.br/portal/historia/files/2013/03/cleber_barros.pdf>. Acesso em: 01 dez. 2017.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v.3, n.1, p.94-109, 2010.

BORGES, Vavy Pacheco. Grandezas e misérias da biografia. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes Históricas**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2015, p. 201-233.

BORTOLOTTI, Marcelo. **As biografias contraditórias de Luís Carlos Prestes**. 2015. Época. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/11/biografias-contraditorias-de-luis-carlos-prestes.html>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CAZES, Leonardo. **A vida de revolucionário de Luís Carlos Prestes em biografia de Daniel Aarão Reis**. 2014. O Globo. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/a-vida-de-revolucionario-de-luis-carlos-prestes-em-biografia-de-daniel-aarao-reis-14625415>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, Campinas, v. 5, n. 11, p.173-191, 1991.

DRUMMOND, José Augusto. **A Coluna Prestes: rebeldes errantes**. 2ª.ed São Paulo: Brasiliense, 1985.

FAGUNDES, Pedro Ernesto. Movimento tenentista: um debate historiográfico. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 108, p.127-133, 2010. Disponível em:

<<http://eduem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/9223/5604>>. Acesso em: 04 dez. 2017.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 193**. História e historiografia. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. 24. Ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FERNANDES, Herisson Cardoso. O fascínio como gênese do líder: esboço para uma visão epistemológica d’Cavaleiro da Esperança, de Jorge Amado. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HUMANIDADES, 10., 2013, Brasília. **16º Congresso Internacional de Humanidades**. Brasília: Anais, 2013. p. 1 - 10.

FERREIRA, Antonio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi, LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O Historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 61-91.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Sumara Conde Sá. A crise dos anos 1920 e a Revolução de 1930. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de A. N (org). **O Brasil Republicano - O Tempo do Liberalismo Excludente**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, v. 1, p. 387-416.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves Leite. **A Aliança Nacional Libertadora: Ideologia e Ação**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1985.

LEVI, Giovanni. Usos da Biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos e abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. 2. ed. Rio Janeiro: FGV, 2003. p. 141-184.

LUCENA, Eleonora de. **Entrevista: Luís Carlos Prestes só se tornava popular na derrota**. 2014. Folha de São Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/11/1551389-entrevista-luis-carlos-prestes-so-se-tornava-popular-na-derrota.shtml>>. Acesso em: 08 dez. 2017.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. A “Intentona Comunista”, ou a Construção de uma Legenda Negra. **Tempo**, Niterói, v. 7, p.189-207, 2002. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/tempo/artigos_livres/artg13-7.pdf>. Acesso em: 30 out. 2017.

NOGUEIRA, Isabella; FERREIRA NETO, Maria Cristina Nunes. A Biografia em uma nova História Política. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p.262-283, 2016. Disponível em: <http://www.hcomparada.historia.ufrj.br/revistahc/artigos/rhc_volume010_Num001_jun16_009.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2018.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. O mundo como texto: leituras da história e da literatura. **Revista História da Educação**, Porto Alegre, v.7, n.14, p.31-45, 2003.

PONTES, Matheus de Mesquita e. **Luiz Carlos Prestes e Olga Benario: construções identitárias através da história e da literatura**. 2008. 167 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/16546/1/MAtheus%20de%20Mesquita%20968KB.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2018.

PRESTES, Anita Leocádia. 70 anos da Aliança Nacional Libertadora (ANL). **Estudos Ibero-americanos**, Porto Alegre, p.101-120, 2005. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/memoria/1935/a_pdf/anita_leocadia_70_anos_anl.pdf>. Acesso em: 31 out. 2017.

PRESTES, Anita Leocádia. **Luiz Carlos Prestes e a Aliança Nacional Libertadora: os caminhos da luta antifascista no Brasil (1934/35)**. 3^a.ed. São Paulo: Brasiliense, 2008. v. 1.

PRESTES, Anita Leocádia. **Daniel Aarão Reis e a biografia de Luiz Carlos Prestes: a falsificação da história por um historiador**. 2015a. Disponível em: <<http://www.correiodocidadania.com.br/resenha/10395-07-01-2015-daniel-aarao-reis-e-a-biografia-de-luiz-carlos-prestes-a-falsificacao-da-historia-por-um-historiador>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

RÉMOND, René. Do político. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma História Política**. 2. ed. Rio Janeiro: FGV, 2003. p. 441-454.

SCHMIDT, Benito Bisso. Biografia e regimes de historicidade. **MÉTIS: história & cultura**. v.2, n.3, p.57-72, 2003.

SILVA, Josivaldo Custódio da. **Literatura de Cordel: um fazer popular a caminho da sala de aula**. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_josi.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2018.

SOUZA, Jose Augusto de. **A Coluna Prestes em Discursos**. 2005. 206 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005. Disponível em: <<http://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/29927/R%20-%20D%20-%20JOSE%20AUGUSTO%20DE%20SOUZA.pdf>>. Acesso em: 14 fev. 2018.

SOUZA, Rafael Policeno de. A Coluna Prestes: Uma Abordagem Necessária. **Revista Historiador**, n. 3, p. 82-91 2010. Disponível em: <<http://www.historialivre.com/revistahistoriador/tres/rafaelp.pdf>>. Acesso em: 04 dez. 2017.

VENCESLAU, Pedro. **Biografias azedam clã do 'velho' comunista**. 2015. Estadão Política. Disponível em: <<http://politica.estadao.com.br/noticias/geral,biografias-azedam-cla-do-velho-comunista-imp-,1621399>>. Acesso em: 24 abr. 2017.

VIANNA, M. A. G.. A ANL (Aliança Nacional Libertadora). In: MAZZEO, Antônio Carlos; LAGOA., Maria Izabel (Org.). Corações Vermelhos. **Os comunistas brasileiros no século XX**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 31-60.

VIANNA, M. A. G.. O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935.. In: Jorge Ferreira; Lucilia de Almeida Neves Delgado. (Org.). **O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo. Do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, v. 02, p. 63-105.

VIANNA, Marly de Almeida. **Revolucionários de 1935**. Sonho e realidade. 3^a.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

VIANNA, Marly de Almeida. Gomes. **A insurreição da ANL em 1935: o relatório Bellens Porto**. Rio de Janeiro: Revan, 2015.